

# MINHA ÁRVORE GENEALÓGICA

(Modesta contribuição ao estudo da genealogia cearense)

**MOZART SORIANO ADERALDO**

Sou filho de pai cearense, de família radicada nos sertões de Mombaça, e de mãe maranhense, cujo tronco paterno se prende á fundação de Mossoró, no Rio Grande do Norte, e cujo ramo materno se biparte entre maranhenses, de Brejo, e catarinenses, de Laguna.

Parece-me que vale a pena investigar essas origens. Se outro mérito não tivesse tal esforço, serviria ao menos como ajuda ao Dr. Raimundo Girão, a quem o Instituto do Ceará cometeu a gigantesca tarefa de escrever a genealogia das famílias cearenses. Sigo, assim, o método e a numeração adotados no quadro por ele largamente distribuido, reformando eu, porisso, o processo que já havia seguido em trabalho anterior.

Convém frisar que, se falo de mim e dos meus, é porque os factos que vou contar poderão servir ao pesquisador futuro como elementos de reconstituição do ambiente socio-econômico de várias épocas. Todavia, advirta-se que muitos enganos e deficiências hão de conter trabalhos desta natureza, e seria absurdo exigir o contrário. A quem quisesse corrigi-los ou supri-las, ficaria eu sinceramente grato, pois somente assim seria possível, de futuro, divulgar outra edição aumentada e menos imperfeita. Qualquer correspondência nesse sentido deve ser a mim endereçada (Rua Mons. Bruno, 542, Aldeota, Fortaleza).

Acresce que dentro de pouco tempo, em Novembro de 1951, festejar-se-á o centenário do Município de Mombaça, terra de muitos de meus ascendentes. Este trabalho será uma pequenina contribuição ás comemorações que naturalmente serão realizadas.

Afim de esclarecer aqueles que estão pouco afeitos a estes estudos de genealogia, dou aqui uma prévia explicação acerca dos números adotados no quadro organizado pelo Dr. Raimundo Girão:

Ns. 2 e 3 — pais

Ns. 4 a 7 — avós

Ns. 8 a 15 — bisavós

Ns. 16 a 31 — trisavós

Ns. 32 a 63 — tetravós

Ns. 64 a 127 — pentavós

Aquí termina o referido quadro. Como, porém, consegui, em três ramos de minha árvore de família, alcançar mais duas ou três gerações — justamente os pais e a avó materna de minha pentavó Maurícia Pereira

da Silva, que está no quadro sob os ns. 69 e 89, e os pais, os avós maternos e a bisavó de minha pentavó Francisca Gertrudes da Conceição, que está no quadro sob o n. 73, — adoptarei a numeração suplementar seguinte: 69 A, 69 B, 69 B b; 89 A, 89 B, 89 B b; 73 A, 73 B, 73 B a, 73 B b, 73 B b 2. Usarei, igualmente, numeração suplementar em letras e números para os descendentes de colaterais.

Feitos estes esclarecimentos, salientado que não farei trabalho literário mas histórico, comecemos a tarefa.

1 — MOZART SORIANO ADERALDO. Nasci a 22 de Abril de 1917, á 1 hora da madrugada, na cidade de Brejo. Meus pais — Francisco António Aderaldo e Elisa Soriano Aderaldo — escolheram como padrinho de meu baptismo o Dr. Pedro Laurentino de Araújo Chaves, remanescente da lendária família Araújo Feitosa, dos Inhamuns, e cujo irmão José Laurindo casara com uma prima de meu pai, irmã do Pe. Lino Aderaldo. O Dr. Laurentino era, áquela época, advogado no Ceará, depois foi desembargador e Interyentor Federal em Mato Grosso e hoje se acha aposentado no Rio de Janeiro. Não podendo comparecer pessoalmente á cerimonia, mandou procuração. A madrinha foi minha tia Ernestina Soriano Caldas, irmã de minha mãe, tendo o acto litúrgico se realizado na matriz do Brejo a 23 de Setembro de 1918, data aniversária do oficiante, Pe. Francisco Lino Aderaldo, vigário da freguesia e primo-irmão de meu pai. No ano de 1921 vim para o Ceará. Fiz o curso primário no Colégio Cearense, de 1924 a 1928. Em 1929 matriculei-me no Colégio Estadual, á época Liceu do Ceará, localizado na Praça dos Voluntários, onde hoje se ergue o edificio da Polícia. O ano de 1933 vi-me concluir o curso secundário, razão por que a 21 de Janeiro de 1934, com muita esperança, ilusões e a diminuta mesada de Cr\$ 300,00 mensais — dos quais pagava a pensão (Cr\$ 160,00 por mês) e fazia as demais despesas —, segui para o Rio, desejando formar-me em medicina, talvez influenciado pelo facto de meus dois irmãos mais velhos já serem, á época, estudantes de medicina. Cheguei a iniciar as providências nesse sentido. Contudo, venceu a tendência natural e em 1936 matriculei-me na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro, onde cursei o 1º, o 2º e o 3º anos. Como primeiro-anista fui eleito representante de meus colegas no Diretório Académico e pronunciei uma palestra — “A confusão ortográfica em face da lei” — depois reunida com seis outras, de companheiros de estudo, enfeixadas em volume — “Palestras Académicas” — saído a lume em 1937 e prefaciado por Clóvis Beviláqua. Segundo-anista, fundei com outros, e fui seu primeiro presidente, a “Liga dos Estados”, sociedade académica com tantas cadeiras quantas as unidades da federação brasileira, cabendo-me a de representante do Ceará. No Rio tive oportunidade de, no Instituto Católico de Estudos Superiores, fazer o curso de Literatura Brasileira com Tristão de Athayde, de Filosofia com Frei Sebastião Tauzin, O. P., e de Socio-

logia com o Prof. Rego Monteiro. Ainda no Rio fui reporter d' "O País", ressurgido. Transferi-me para a Faculdade de Direito do Ceará em 1939, obrigado pelo motivo de ter minha mãe adoecido. Ainda como quarto-anista de direito fui nomeado, pelo Interventor Menezes Pimentel, Prefeito Municipal de Senador Pompeu, onde meu tio Pe. Lino era vigário havia muitos anos, cargo que ocupei até Novembro do mesmo ano. Deixei-o por não me haver entendido com o todo-poderoso Departamento Administrativo. Em 1940, tendo Luís Sucupira como paraninfo, diplomei-me bacharel em ciências jurídicas e sociais, no dia 21 de Dezembro. Em Julho do mesmo ano, sendo eu presidente do Directório Académico, fui representar o corpo discente da Faculdade no Congresso de Estudantes realizado no Rio, acompanhado de meus distintos colegas Inácio Moacir Catunda Martins, Moacir Madeira Campos e Zacarias Gurgel de Cunha. Ainda em 1940, ao lado de José Denizard, Luiz Barros e outros, escrevi artigos para a "Coluna dos Novos", de "O Nordeste", cuja história foi depois escrita por Luiz Barros e publicada n' "A Ação", de Crato. No segundo semestre de 1941 passei a redactoriar o matutino "O Estado", órgão do governo, que tinha como director o Dr. José Martins Rodrigues, redactor-chefe o sr. Alfeu Faria de Aboim e redactores os Drs. Hugo Victor Guimarães e Silva e Wálter de Sá Cavalcante. De lá saí em Novembro de 1942 porque me matriculei no N. P. O. R. (depois C. P. O. R.) de Fortaleza, cujos exercícios não permitiam trabalhos noturnos. Em Outubro de 1941 fui nomeado suplente de presidente da Junta de Conciliação e Julgamento (Justiça do Trabalho), tendo oportunidade de substituir o Dr. Juarez Bastos, seu titular, diversas vezes, lá me conservando até 1945, quando pedi exoneração por dois motivos: — aborrecimentos com a secretaria da Junta e a injustiça de ver nomeado sucessor do Dr. Juarez, promovido ao Tribunal Regional do Trabalho, um elemento até então estranho á justiça do trabalho, muito embora meu amigo particular. Em 1943 fui admitido como estatístico-auxiliar no Departamento Estadual de Estatística, com os vencimentos mensais de Cr\$ 500,00 ou 600,00, não me recordo bem. No Departamento de Estatística fiquei até Junho de 1944, quando fui transferido para o cargo de técnico de administração do recém-criado Departamento do Serviço Público, hoje Departamento do Serviço de Pessoal, com os vencimentos mensais de Cr\$ 1.000,00. Em Agosto de 1945 fui nomeado Director da Imprensa Oficial, em substituição ao sr. Alfeu Faria de Aboim, que permaneceu fiel ao sr. Olavo Oliveira, rompido com o governo. Não demorei mais de 34 dias, tantas foram as injunções políticas em torno do cargo. Voltei para o D. S. P., onde vinha substituindo o Dr. José Waldo Ribeiro Ramos, director da Divisão de Organização e Orçamento, acometido de traiçoeira moléstia. Meus vencimentos como técnico de administração do D. S. P. sofreram sucessivas e rápidas alterações, durante a Interventoria Beni Carvalho (1945-1946). Nessa época

estava eu licenciado por seis meses, em tratamento de saúde, acometido de uma tramite, manifestada no comício do brigadeiro Eduardo Gomes, aos 11 de Novembro de 1945, na Praça Fernandes Vieira. Passei quatro meses em Cajazeiras, perto de Messejana, na vila Santo Antônio, de propriedade da madrastra do Dr. Lincoln Mourão Matos, alheio ao que se passava na cidade e escrevendo o esboço do meu estudo sobre "Revolução, Reacção e Cristianismo". Ao reassumir o cargo, depois dos aumentos repetidos, vencia mensalmente mais de dois mil cruzeiros. Ainda em 1944 — Agosto — concluí o curso do C. P. O. R., oportunidade para mim felicíssima, pois nessa época conheci aquela que viria a ser minha esposa. Irmã de um colega meu, viera ser madrinha de formatura dele. Quanto á minha madrinha, foi a primogénita de meu irmão Aluísio, Lígia, minha afilhada de batismo. De Dezembro de 1944 a Fevereiro de 1945 fiz o estágio, como aspirante, no 23º B. C., dois meses no quartel novo e um mês no velho edifício contíguo á Fortaleza, que deu nome á cidade. Terminado-o, fui convocado para a F. E. B., não sendo incorporado pelo feliz término da guerra. Em Outubro de 1946, na Interventoria de Luís Sucupira, fui nomeado Consultor Jurídico da Secretaria de Agricultura e Obras Públicas, cargo que ainda exerço, apesar de transformado em Assistente Jurídico. Ainda em 1946, no 1º Congresso Cearense de Escritores, apresentei e defendi a tese — "A posição do escritor na reconstrução do mundo", depois publicada nos anais ("Afirmção") e tirada em separata. Em 1948 divulguei na revista "Clá" meu "Esboço de História da Literatura Brasileira", também tirado em separata. Antes, em 1947, fizera eu uma viagem ao sul do país, a fim de assistir aos congressos de escritores e de Ação Católica, a se realizarem em Belo Horizonte em comemoração ao cinquentenário da cidade. O Secretário de Agricultura, Dr. Pompeu Sobrinho, aproveitando o ensejo, cometeu-me a tarefa de estudar o sistema de colonização posto em prática pelo governo mineiro, de que resultou o meu trabalho "Colonização das Terras Devolutas do Ceará", publicado na "Revista do Instituto do Ceará" de 1948, saída a lume no ano seguinte, e tirado em separata. Infelizmente não assisti ao congresso de escritores, dado o seu adiamento e em vista de já me achar ausente de Fortaleza há mais de mês. Com a promulgação da Constituição Estadual de 1947 e a encampação, pelo Estado, da Faculdade de Ciências Econômicas, fui nomeado professor de Estrutura das Organizações Econômicas do aludido estabelecimento de ensino. Em 1948 escrevi o rodapé literário do "Correio do Ceará". Em 1949 casei-me na igreja de N. S. dos Navegantes, perante o vigário Pe. Francisco Hélio Campos, aos 28 de Abril, com Ana Sales Cartaxo, apelidada Nanza, filha do farmaceutico Cristiano Cartaxo Rolim, residente em Cajazeiras, Paraíba, membro das famílias Rolim, fundadora da cidade, e Cartaxo, radicada no Cariri, e de Isabel Sales de Brito, cearense, de Várzea Alegre. Minha mulher é, assim, prima do afamado tribuno

Moésia Rolim, ligado á história da Revolução de 1930 no Ceará. Foram padrinhos do casamento religioso o Deputado Parsifal Barroso, o Dr. Lincoln Mourão Matos e os sts. Florêncio Coelho Holanda e José Dantas Braga. O contrato civil, realizado no Cartório Jereissati perante o Juiz Hermes Paraíba, teve como testemunhas o Deputado Renato de Almeida Braga, o Dr. Antônio Martins Filho, o jornalista João Jacques Ferreira Lopes e o sr. Reginaldo Rocha. De nosso casamento já nasceu um filho: — Melania, que veio á luz ás 8,25 da noite do dia 1º de Março de 1950, na Maternidade Sta. Catarina Labouré, anexa á Santa Casa de Misericórdia, sob os cuidados médicos do Dr. Periguarí de Medeiros, e se batizou a 28 de Abril de 1950 na mesma igreja em que seus pais se casaram, sendo padrinhos meu sogro e minha mãe e oficiante o vigário-cooperador Pe. Pio Pinho. Ainda em 1949 publiquei, em parceria com José Stenio Lopes, os "Apoemas", livrinho de versos modernos, com ilustrações de Barbosa Leite, que provocou comentários contraditórios. Em 1950 fui escolhido Director do Departamento de Actividades Culturais da Associação Cearense de Imprensa e, por proposta dos consócios José Waldo Ribeiro Ramos, Dolor Barreira e Fran Martins, fui eleito sócio efectivo do Instituto do Ceará, cadeira n. 25, honra insigne para tão minguido intelectual. Fui recepcionado a 27 de Outubro, falando em nome do Instituto o Dr. José Waldo. Ainda neste ano fui designado pelo Ministro do Trabalho para ensinar no curso mantido pelo fundo sindical, sendo meus colegas de magistério os ilustrados Drs. Ubirajara Iudío do Ceará e Lauro Maciel Severiano. Minha vida, em síntese, tem sido uma sequência de aspirações, dificilmente conseguidas algumas, outras não alcançadas. Não obstante, quantas "pedras" a registrar no curto caminho! Malgrado jamais haver deliberadamente feito mal a quem quer que fosse, tenho merecido a inveja de quantos porfiam em enxergar apenas as minhas pequeninas vitórias, sem atentar para as lutas sustentadas. E quantos dêses a se dizerem amigos e a receberem, de mim e dos meus, favores e gentilezas! São meus irmãos:

A — Dr. TARCISO SORIANO ADERALDO. Nasceu em Brejo, a 4 de Setembro de 1912, ás 3 horas da madrugada. Foi baptizado na matriz de Brejo no dia 23 do mesmo mês e ano. Foram seus padrinhos o Pe. Francisco Lino Aderaldo, também oficiante da cerimónia, e Inácia Soriano, tia materna do baptizando. Fez o curso primário no Colégio Cearense e o secundário no Liceu do Ceará. Coursou medicina no Rio de Janeiro, de 1930 a 1935, quando se diplomou. A 23 de Setembro de 1940 casou-se com Maristela Costa, filha de Inácio Costa, gerente do Banco do Comércio, e de Ester Costa. Sua esposa foi nomeada professora pública na profícua Interventoria Carneiro de Mendonça, que governou o Ceará logo depois da Revolução de 1930. Realizou-se a cerimónia religiosa do casamento de meu irmão Tarciso na matriz de N. S.

do Carmo, em Fortaleza, sendo oficiante o Pe. Lino Aderaldo. Do consórcio nasceram, até hoje, cinco filhos, todos fortalezenses:

a) — MANUEL SORIANO NETO (Sorianinho), nascido a 30 de Junho de 1941.

b) — LINO COSTA ADERALDO, nascido a 6 de Agosto de 1942.

c) — FRANCISCO DE ASSIS COSTA ADERALDO, nascido a 2 de Junho de 1945.

d) — INÊS COSTA ADERALDO, nascida a 25 de Março de 1948.

e) — HELENA COSTA ADERALDO, nascida a 10 de Novembro de 1950.

B — Dr. ALUÍSIO SORIANO ADERALDO. Nasceu em Brejo, a 11 de Dezembro de 1914, às 3 horas da madrugada. Batizou-se na matriz do Brejo no dia 23 de Setembro de 1916, sendo oficiante o Pe. Lino Aderaldo e padrinhos o Capitão Ernesto Honório Aderaldo de Aquino, avô paterno, e Da. Roberta Francisca Coelho Soriano, avó materna do baptizando. Fez o curso primário no Colégio Cearense e secundário no Liceu do Ceará. Cursou medicina no Rio de Janeiro, de 1931 a 1936, quando se diplomou. A 30 de Outubro de 1938 casou-se com a inteligente professora Francisca Noeme Costa, filha de Manuel Vieira Costa e Da. Noeme Ferreira Costa, ele irmão do antigo político fortalezense João José Vieira da Costa, residente em Messejana. Uma irmã de minha cunhada Noeme, Da. Zilda, grande educadora, que fundou e foi primeira directora da “Cidade da Criança”, casou-se com o eminente político cearense Dr. José Martins Rodrigues, homem probo e trabalhador, por isso mesmo incompreendido, descendente dos Lemos de Almeida, de Mombaça, a que me referirei mais adiante. Outros irmãos dela se salientaram nas profissões que escolheram, tais como o advogado Álvaro Costa, agudíssima inteligência, e os bancários Francisco Ferreira Costa e Manuel Ferreira Costa, figuras de relevo entre os membros de sua classe. A cerimónia religiosa do casamento de meu irmão Aluísio realizou-se na matriz de N. S. do Carmo, em Fortaleza, sendo oficiante o Pe. Lino Aderaldo. Do consórcio nasceram, até a presente data, os seguintes filhos, todos fortalezenses:

a) — LÍGIA MARIA SORIANO ADERALDO, nascida a 6 de Julho de 1939, minha afilhada de baptismo.

b) — NOEME ELISA SORIANO ADERALDO, nascida aos 7 de Maio de 1940.

c) — ALUÍSIO SORIANO ADERALDO JÚNIOR, nascido aos 20 de Outubro de 1941.

d) — CLÁUDIA MARIA SORIANO ADERALDO, nascida aos 29 de Dezembro de 1942.

e) — ROBERDO GUIDO SORIANO ADERALDO, nascido aos 15 de Agosto de 1944.

f) — JOSE' MARTINS SORIANO ADERALDO, nascido aos 26 de Junho de 1947.

g) — LÚCIA MARIA SORIANO ADERALDO, nascida aos 23 de Maio de 1950.

2 — FRANCISCO ANTÔNIO ADERALDO (Seu Chico). Nasceu meu pai aos 4 de Setembro de 1884 em Maria Pereira (hoje Mombaça). Filho de Ernesto Honório Aderaldo de Aquino e de Francisca Gonçalves Torres, primeira esposa de meu avô. Estudou as letras primárias em Mombaça e, a convite de seu primo-irmão Pe. Lino Aderaldo, nomeado vigário de Brejo, deslocou-se para essa cidade a fim de dedicar-se ao comércio. Lá conheceu minha mãe, com quem casou aos 23 de Setembro de 1910. Após o casamento fez uma viagem ao Ceará a fim de apresentar a esposa aos parentes, tendo se demorado entre eles, na cidade de Mombaça e nas terras da família — Flores e Barra Nova —, pouco tempo, voltando ao Maranhão. Para o Ceará meu pai veio definitivamente depois de o Pe. Lino haver sido escardinado da diocese de São Luiz para a de Fortaleza. Partimos do Brejo a 3 de Fevereiro de 1921, chegando á capital cearense no dia 23 do mesmo mês e ano. Lembro-me ainda da viagem, em carro de boi, que fizemos — meus pais, seus três filhos e minha tia Suçu (Inácia) — do Brejo para a Repartição, pequeno porto á beira do rio Parnaíba, sob uma violentíssima chuva, como são as do Maranhão. Tinha eu, então, quatro anos incompletos, mas a cena se gravou forte na minha memória. Em Fortaleza meu pai deixou o género comércio, não sómente porque lhe faltou o capital necessário para enfrentar a concorrência de uma grande cidade, como porque uma das características de sua personalidade era a quase indiferença para com os bens materiais. Não fora o tino e a energia de minha mãe, e seus três filhos talvez não se diplomassem. Legou-nos, todavia, um impressionante exemplo de bondade. Em Fortaleza — dizia eu — meu pai deixou o comércio e foi ser funcionário público, primeiro da antiga Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, depois da Estrada de Ferro de Baturité e, finalmente, do Departamento de Terras e Colonização. Contou-me minha mãe que, em um desses cargos, tendo meu pai solicitado aumento de vencimentos a seu chefe de serviço, recebeu, com a resposta negativa, o oferecimento de emprego para um de seus filhos, como “menino de recados” da residência do chefe, que hoje, sem relacionar os factos, não sabe que os dois médicos e o bacharel em direito com quem mantém relações são aqueles garotos que ele quis empregar em sua cozinha. O temperamento de meu pai, simplório, sem ambições, descansado, autorizava o julgamento de não passar de mau funcionário. Por isso recebeu de sub-chefes, que depois vieram solicitar favores de seus filhos, maus-tratos e humilhações, que aceitava com aparente indiferença. Assim findou seus dias, serena e plácida, após dois meses de moléstia, ás 11 horas de 19 de Novembro de 1944, em Fortaleza, na casa n. 334 da Rua da As-

sunção. Assistiu ao passamento, além da família, o Dr. Mário dos Martins Coelho, que sabendo do estado de meu pai, resolvera visitar-me naquela manhã. O seu temperamento jamais me permitiu maiores investigações acerca de seus parentes, eu que sempre fui interessado por assuntos genealógicos. Transcrevo aqui, portanto, o pouco que pude colher em outras fontes a esse respeito. Meu avô casou-se duas vezes, a primeira com minha avó e a segunda com Benedita de Carvalho, vulgo Dita, filha de Palmério António de Carvalho Visgueiro, professor primário de Mombaça, e de Clara Teixeira de Carvalho. Do primeiro casamento nasceram vários filhos, além de meu pai:

A — JOSE' HONÓRIO, há muitos anos residente no Amazonas ou Acre. Consorciou-se por lá. Não sei se deixa descendência.

B — MANUEL (Neneco, o mais moço). Emigrou na seca do 1932 para Inhuporanga (ex-Campos Belos), no Município de Canindé, e hoje se acha em Flores, Mombaça. Casado duas vezes, do primeiro matrimónio deixando vários filhos, entre os quais cito:

a) — ALCIDÉS, activo comerciante em Inhuporanga, falecido ainda moço.

b) — ERNESTO, sargento da Polícia Estadual.

c) — ANTÓNIO, actualmente na Marinha, depois de cursar em parte o Seminário Seráfico de Messejana.

C — MIGUEL. Foi para o Pará, lá casou e morreu, deixando filhos, dois dos quais passaram a ser criados por meu avô e, com a morte deste, seguiram com a avó torta para o Rio, onde se acham. Um deles — ERNESTO — participou da F. E. B., na segunda guerra mundial.

D — DOMINGAS, conhecida por Dondom. Casou-se com João Alves Pereira, filho de António Alves Pereira e Damiana Alves das Virgens, descendentes de Rafael Soares Pereira, um dos primeiros povoadores de Mombaça. Minha tia Dondom deixou dois filhos: — Expedito Aderaldo Pereira e outro, cujo nome não sei.

E — ERNESTINA. Faleceu solteira.

Do segundo casamento meu avô deixou apenas uma filha:

F — CLARICE. Casada, mora no Rio com seu esposo, Moisés Pais de Andrade, sobrinho do Pe. Pedro Leão Pais de Andrade, que paroquiou Mombaça cerca de 40 anos, e sua mãe, para onde foram depois da morte de meu avô.

3 — ELISA SORIANO ADERALDO (Zazinha). Nasceu minha mãe no dia 13 de Janeiro de 1886, em Brejo, pelas 3,30 horas da tarde. Filha de Manuel Soriano Guilherme de Melo, natural de Mossoró, e de Roberta Francisca Coelho Soriano, nascida em Brejo. Baptizou-se na matriz de sua cidade natal, em Julho de 1886, sendo oficiante o Pe. António Lira Pessoa de Maria, vigário da freguesia e natural de Massapê, Ceará, e padrinho o Tenente da Guarda Nacional Josino Elísio de Amorim Caldas (tio Juca), primo de minha mãe pelo lado Caldas e casado

com minha tia materna Maria Abelarda de Soriano Caldas (tia Bilá), que foi a madrinha. Seu pai, meu avô materno, faleceu quando minha mãe tinha apenas sete meses. Caçula e órfã, minha avó afroxou a disciplina, motivo por que minha mãe discrepava dos irmãos no tocante à instrução, que estes possuíam em grau mais elevado, não descurando noções de francês, o que era alguma coisa para uma cidade do interior maranhense àquela época. Casou-se com meu pai aos 23 de Setembro de 1910, como já foi dito atrás. Da viagem que ela fizera, depois do casamento, à terra de seu marido, em sua companhia, me falava com muita saudade, especialmente do lugar Flores, onde se demorou, e de um tio de meu pai, Miguel Plácido Aderaldo de Aquino, a quem muito se afeiçoara. Minha mãe faleceu em Fortaleza, no dia 13 de Novembro de 1950, na casa n. 1.525 (somando-se os algarismos obtemos o resultado 13...) da Rua João Cordeiro, para onde se mudara havia menos de três meses. Sua morte assim ocorreu: estava minha mãe com saúde até a madrugada do dia 10, ocasião em que, sem ser de seu conhecimento, nascia o seu 13º neto — Helena, filha do Tarciso. Mandou chamar-me na casa vizinha (n. 1.517), de minha residência, e lá chegando encontrei-a com as mãos e os braços frios, sentada na rede, dizendo que sentia dor no peito. Saí, correndo, para chamar o Aluísio, duas ruas adiante (Antônio Bezerra), e este, vendo a gravidade do estado dela, imediatamente foi chamar o Tarciso em sua residência, à rua da Assunção, não o encontrando porque desde as primeiras horas da madrugada se achava na Casa de Saúde São Raimundo, onde sua mulher havia pouco descançara. Da maternidade foram ambos — Aluísio e Tarciso — atrás de um especialista em moléstias do coração, trazendo o Dr. Heli Vieira. Diagnosticada a angina, ficou minha mãe em completo repouso e apresentando melhoras, tanto que no dia 14 iria receber alta, quando à tardinha do dia 13 mandou chamar-me em minha residência e disse que não estava se sentindo tão bem quanto antes, motivo por que, sendo hora da visita médica, combinei que diríamos isto ao clínico, tão logo chegasse. Voltando à minha residência para jantar, mal entro na sala de visitas recebo novo chamado de minha mãe, em carácter urgente. E' obvio que vou correndo. E, chegando lá, deparando-se-me o quadro horrível de minha mãe inconciente, respirando com dificuldade, nem entro no quarto e preparo, sem ferver o aparelho, uma injeccão de coramina, que aplico nos músculos de seu braço inerte. Tudo baldado! Dera-se um colapso cardíaco. Dizer o que fiz nesses vinte a trinta minutos em que minha mãe agonizava seria impossível, tão aturdido fiquei. O golpe para mim era grande demais. Sei que minutos depois — talvez segundos — chega minha mulher, a seguir meu irmão Aluísio, minha cunhada Noeme e meu irmão Tarciso. Felizmente o Aluísio lembrou-se de chamar um sacerdote, tendo o Pe. Paulino Vieilledent, jesuíta da Casa de Cristo Rei, administrado a extrema-unção, quando minha mãe ainda agonizava. E assim, abruptamete,

em poucos minutos, anulava-se a vida de u'a mãe extremosa, dedicada e enérgica. Sim, enérgica, pois a despeito de não ter recebido uma educação além da primária, possuía agudíssima inteligência a serviço de fortíssima personalidade. Conhecê-la era admirá-la e... respeitá-la. Nos últimos anos de vida, cansada e doente, ainda assim infundia respeito pela força moral, a despeito de lhe ter fugido a do corpo. Três pessoas, apenas, quebravam essa rigidez, e o faziam pelo coração: seus netos Lígia, primogênita do Aluísio, Sorianinho, primogênito do Tarciso, e Melania, minha primogênita. Ao traçar as linhas desta árvore genealógica, que por natureza deve ser friamente apresentada, peço vénia para desabafar o coração e falar derramadamente daquela que mais influência exerceu em minha vida. Pago, assim, pálidamente embora, uma velha dívida e uma secreta promessa — escrever sôbre a vida de minha mãe, ela que muitas vezes sugeriu ditar-me tais linhas. Se outra oportunidade se me não apresentar em vida, para ampliar esta parte do presente trabalho, que ao menos a saudade, o carinho e a veneração com que escreví este trecho de minha árvore genealógica sirvam de consolo, a ela, que o desejou, e a mim, que iniciei a paradoxalmente acre-doce tarefa. Suave e forte, amou os filhos como nenhuma outra mãe, mas como nenhuma outra — estou certo — soube castigá-los quando preciso, dirigí-los, orientá-los, despertar-lhes o gosto pelo estudo. Interessante a pedagogia de minha mãe! Para os filhos destinava o que havia de melhor, privando-se do supérfluo e até do essencial, como aconteceu na seca de 1932, em que, para não tirar dois filhos do estudo na Faculdade de Medicina do Rio e não demorar na remessa dos Cr\$ 600,00 mensais, resolveu que se passasse a comer feijão com arroz e farinha, os que estávamos em Fortaleza, e cortou outros gastos, como a sessão cinematográfica semanal no "Moderno" ou "Majestic", que ela adorava. Mas não tolerava menino com dinheiro. Quando meu tio Pe. Lino, em suas raras viagens à Fortaleza, nos agradava com pratos de Cr\$ 2,00, ela as devolvia e justificava a indelicadeza dizendo que "menino não presta com dinheiro". Assim, seria natural que nos preferisse alunos de colégios de rígida disciplina e hóspedes, no Rio, de parentes nossos. Tal, entretanto, não acontecia. Fez os filhos cursarem o primário no Colégio Cearense, dos irmãos maristas, "para aprenderem a estudar", dizia. Mas o secundário queria-nos no Liceu, colégio oficial e leigo, de péssima fama quanto ao comportamento dos alunos. Explicava a atitude dizendo que lá mostraríamos se dávamos "para a sela" ou se "para a cangalha". Na capital federal, soltou-nos, rapazinhos imberbes (fui para o Rio com 17 anos incompletos, o mesmo acontecendo mais ou menos com meus dois irmãos), em pensões de estudantes, afastando a hipótese de nos hospedarmos em casas de parentes. E dáva-nos autoridade suficiente para escolhermos as pensões, sem exigir de nossa parte quaisquer explicações. Pedagogia perigosa e arriscada, sem dúvida. Mas a força moral que

possuía e a discreta mas segura vigilância que exercia sobre nós nos desencorajava das atitudes condenáveis e, mais do que isto, nos infundia o desejo de vencer na vida, de “querer ser gente”, na sua expressão simplória. Sómente assim se explica que três filhos de um pobre funcionário público, bonacheirão e descansado, se tenham diplomado e conseguido ser alguma coisa. E’ bem verdade que, sobre termos, pelo lado paterno, aquele sangue dos desbravadores do sertão de Mombaça, pacíficos mas persistentes, por outro lado minha mãe herdou não sómente exemplos que dignificam como, ainda, algum cabedal, representado em casa e gado. Tudo isto, porém, se foi gastando com a nossa mudança do Maranhão para o Ceará e com a necessidade de ir completando os pequenos ordenados de meu pai. Uma casa grande — “o sobradinho”, como se chamava — situado na praça da matriz do Brejo, com cinco portas de frente e nove de oitão, minha mãe vendeu á paróquia, pelos idos de 1925 a 1930, por Cr\$ 3.000,00! Em seu lugar ergue-se hoje, segundo informações que obtive, um moderno “bungalow”, símbolo da mentalidade que desestima as obras do passado. E assim, vendendo a casa, vendendo esterlinas que trouxe, fazendo economia e com a ajuda de meu tio Pe. Lino — que, desprendidamente, auxiliou a educar muitos sobrinhos, parentes e até meninos pobres, como Genésio Falcão Camara, posto no Seminário de São Luís á sua custa e que, depois, chegou a ser fiscal do Banco do Brasil no norte do país — minha mãe viu concretizado o seu grande sonho, qual o de diplomar os três filhos. Plano ousado e quase inconcebível, se não levarmos em conta a herança ancestral daqueles brasileiros que *viveram* os dias angustiosos da única revolução “popular” até hoje deflagrada no Brasil — a Balaiada. Resquícios havia, em minha mãe, daquela mentalidade nativa e ativa, que fazia desestimar o que lhe não pertencia e superestimar o que era seu. Para ela, nada mais excelente do que sua casa, alugada, pobre e singela embora. Simples residência de “matutos” emigrados para Fortaleza, mesmo assim contendo objectos que deixavam transparecer a olhos prescrutadores o antigo esplendor dos ancestrais. Lembro-me bem da “bacia de arame” de metro e meio de diametro, de dois “fotomobiles” de louça azul e mangas de vidro, de um espelho de cristal bordado a fogo, de um relógio de pêndulo com dois anjinhos e outros adornos de metal prateado, de painéis de ferro, não falando nas joias, nos trancelins, crucifixos, tesouras, pulseiras e colares do chamado ouro velho. Parte desses objectos de arte seus filhos ainda hoje carinhosamente conservam. Grande parte, entretanto, foi vendido por minha mãe nas suas aperturas financeiras. Mas de todos os tesouros que ela nos legou, nenhum mais precioso do que o exemplo, manifesto em sua força moral, em sua vontade inquebrantável, em sua vida de sacrifício. Deus lhe dê a paz, pois bem a merece quem tanto lutou, anonima, porém bravamente. Minha mãe teve os seguintes irmãos, todos nascidos no Brejo:

A — ARTUR SORIANO. Nasceu no dia 29 de Agosto de 1864. Adoecendo em 25 de Setembro, foi baptizado na residência de seus pais pelo sr. Luís Mariano Pereira de Sousa no dia 27 do mesmo mês, e faleceu no dia seguinte. Foi sepultado na sacristia da matriz do Brejo, ao lado direito da porta, no dia 29. O sacerdote que assistiu ao enterramento foi o vigário de Buriti, Inácio Pinto d'Almeida Cta., que veio ao Brejo fazer o enterro de António Pereira Júnior, falecido no mesmo dia em que morreu Artur.

B — MARIA ABELARDA SORIANO CALDAS (tia Bilá). Nasceu em 16 de Setembro de 1865. Foi baptizada domingo de Páscoa, 1 de Abril de 1866, às 11 horas, na matriz do Brejo, pelo vigário, Pe. Marcolino d'Assunção e Oliveira. Seus padrinhos foram o Coronel António José Martins e Da. Maria Caldas Ferreira Coelho, avó materna da baptizanda. Casou-se no dia 2 de Dezembro de 1882 com Josino Elisio de Amorim Caldas (tio Juca), seu primo pelo lado materno. Ele faleceu a 19 de Fevereiro de 1916, no Brejo, e ela a 30 de Março de 1946, em Parnaíba, Piauí. Conheci a boa velhinha quando, em 1930, seu filho Inácio Soriano Caldas, funcionário graduado do Banco do Brasil, serviu na agência de Fortaleza. Era a encarnação da paciência. Tia Bilá teve os seguintes filhos, todos nascidos no Brejo:

a) — JENER SORIANO CALDAS (Senhorzinho). Nasceu a 27 Agosto de 1883. Não se casou. Faleceu em Santos, São Paulo, para onde transferira residência desde rapazinho e era funcionário da Alfandega, por volta de 1945. Conheci-o, quando da viagem que fez ao Norte pouco antes de morrer, a fim de visitar a mãe anciã, residente em Parnaíba. A seu respeito vale a pena contar um pequeno episódio.

Proclamada a República, meu primo Senhorzinho, com seis anos de idade, influenciado pela propaganda republicana, gritou um "Viva" á nova forma de governo deante de sua e minha bisavó Dindinha. Esta, fiel á tradição que recebera do marido, oficial que serviu ás ordens de Caxias, reagiu ás idéias novas do bisneto com uma violentíssima surra.

b) — LEÔNIDAS SORIANO CALDAS (Nini). Nasceu a 14 de Junho de 1885. Casou-se a 21 de Setembro de 1911 com Delith da Silveira. Faleceu na capital maranhense no ano de 1948. Deixou muitos filhos, dos quais registo: Tácito da Silveira Caldas, desembargador em São Luís, casado; Lister Segundo da Silveira Caldas, deputado estadual no Maranhão, casado; Leônidas Soriano Caldas Filho, aluno da Escola Preparatória de Fortaleza, solteiro.

c) — MANUEL SORIANO CALDAS (Manduca). Nasceu a 14 de Maio de 1887. Casou-se com Inocência Guedes. Faleceu antes de 1930 em Teresina, Piauí. Deixou alguns filhos, residentes naquela capital, terra de sua mãe, e cujos nomes não retive, apesar de haver conhecido dois deles, já rapazes, em rápido passeio que fizeram, por volta de 1943, a Fortaleza.

d) — FORTUNATA CALDAS MARTINS (Natu). Nasceu a 2 de Julho de 1890. Casou-se a 31 de Dezembro de 1910 com Raimundo Martins (Dico). Faleceu de parto (10º ou 11º filho, se não me engano) a 2 de Fevereiro de 1930, em Flores, povoação maranhense situada em frente de Teresina. Deixou muitos filhos, dos quais registro: Hebe, casada em São Luís; Ivone, casada em São Luís; Dalva e Vanda, cuja situação ignoro. Em 1930 conheci, morando com seu tio materno Inácio Soriano Caldas, Hebe e Ivone. Vanda ficou com a sogra do poeta Martins d'Alvarez, irmã do Dico, em Fortaleza. A separação dos irmãos foi consequência da morte da mãe.

e) — AMÉLIA CALDAS IBIAPINA (Liquinha). Nasceu a 1 de Janeiro de 1893. Casou-se com António Ibiapina Filho (Tonico). Ainda vive em São Luís. Minha mãe sempre que se referia á minha prima Liquinha, apresentava-a como o protótipo do sofrimento. Teve muitos filhos, entre os quais um, José, que, menino ainda, morreu esmagado em um desabamento na capital maranhense, facto largamente comentada pela imprensa dali. Uma sua filha, Suzete, hoje casada em São Luís, conheci-a em Fortaleza, por volta de 1944 e 1945, como funcionária do SENTA e da CAETA.

f) — INÁCIO SORIANO CALDAS (Inacinho). Nasceu a 8 de Maio de 1895. Foi para o Seminário de São Luís ás custas de meu tio Pe. Lino. Ali fez os estudos que o capacitaram a exercer com brilho funções de relevo no Banco do Brasil e no Banco da Borracha, do qual era presidente, em Belém, quando, em 1945, faleceu de forma desastrada, juntamente com a esposa, em consequência da explosão de uma lancha em que passeavam. Casou-se com u'a moça da Parnaíba, de nome Aura, a 11 de Setembro de 1920. Deixou os seguintes filhos: José Maria, nascido em 1921; Maria José; Maria de Jesus; e outra, cujo nome não sei, embora conheça o apelido que lhe foi posto pelo pai — Caldinhas.

g) — BENEDITO SORIANO CALDAS (Bidô). Nasceu a 24 de Julho de 1897. Faleceu no Brejo, inupto, a 10 de Setembro de 1923, "fraco do peito".

h) — LUÍS SORIANO CALDAS (Luizinho). Nasceu a 20 de Junho de 1901. Casou-se com u'a moça da Parnaíba, chamada Dalila, nossa parenta, segundo informação de minha mãe. Não sei se tem descendência. Reside em Belém, funcionário do Banco da Borracha.

i) — SORIANO CALDAS. Nasceu a 14 de Janeiro de 1903 e faleceu no Brejo a 19 de Junho de 1904.

j) — ROBERTA CALDAS PIRES (Iaiázinha). Nasceu a 3 de Outubro de 1905. Casou-se com Sílvio Pires, de abastada família parnaibana. Teve os seguintes filhos: Maria José (Zezé); Maria do Socorro; e Alfredo (Alfredinho), solteiro, funcionário do Banco do Brasil em Natal, Rio Grande do Norte. Minha prima Iaiázinha vive em Parnaíba.

C — INÁCIA SORIANO (Sugu). Nasceu Titia (como a chamamos) no dia 18 de Janeiro de 1867. Foi baptisada domingo de Páscoa, 21 de Abril do mesmo ano, às 10 horas da manhã, em casa de uma senhora amiga, da. Constancia, pelo Pe. Domingos Inácio de Carvalho. Seus padrinhos foram o Capitão Simão Fernandes de Oliveira Rebouças e sua mulher, da. Inacinha. Não convolou núpcias. Com a morte de minha avó materna, Titia passou a morar com minha mãe, ajudando-a nos serviços de casa, até que, velha e cansada, deitou-se e assim ainda hoje vive, em companhia de meu irmão Tarciso, seu afillhado, após a morte de minha mãe.

D — MARIA PALMIRA SORIANO DE MELO (Nenen). Nasceu no dia 12 de Novembro de 1868. Foi baptisada domingo de Páscoa, 28 de Março de 1869, às 11 horas, na matriz do Brejo, pelo Pe. Joaquim Raimundo da Silva. Foram seus padrinhos o Capitão Valério de Sousa Caldas e sua mulher, da. Caetana. Casou-se no dia 27 de Novembro de 1886, com Anísio Ferreira de Melo, seu primo pelo lado de meu avó materno. Embarcou para o Amazonas, com seu marido e filhos, a 6 de Maio de 1899. Seu esposo faleceu em Manaus a 2 de Novembro de 1918. Minha tia Palmira ainda vive, residindo naquela Capital. Teve os seguintes filhos, todos nascidos no Brejo, com excepção dos dois últimos, nascidos na capital amazonense:

a) — CRISTÓVÃO SORIANO DE MELO (Tovico). Nasceu em 1888. Casou-se com Jurite Muller, de cujo consórcio nasceram vários filhos, lembrando-me bem da primogênita do casal, Maria das Graças (Gracinha), falecida aos 10 anos, mais ou menos, e de um menino, hoje de 10 a 12 anos, que recebeu o nome de Soriano Muller Soriano de Melo. Aliás essa attitude não é singular: — tia Bilá assim o fez, como já vimos. Meu primo Cristovão faleceu neste ano de 1950, no Rio de Janeiro, depois de uma vida cheia de lutas, algumas vitórias e várias derrotas.

b) — OCTAVIANO SORIANO DE MELO (Otinho). Nasceu a 24 de Dezembro de 1889. Casou-se a 21 de Fevereiro de 1918 com Estér Taumaturgo, nascendo do consórcio alguns filhos, dos quais conheci Orange, estudante no Rio concomitantemente comigo. Meu primo Octaviano, que era juiz de direito no Amazonas e distinto tupinólogo, faleceu a 1 de Julho de 1947, após o regresso de uma viagem ao sul do país, feita no navio do Lloyd Brasileiro comandado por seu irmão Aristóbulo, oportunidade que se me ofereceu para conhecê-lo, quando de sua passagem por Fortaleza.

c) — ARISTÓBULO SORIANO DE MELO (Tuli). Nasceu a 4 de Fevereiro de 1891. É hoje comandante do "Campos Sales", navio do Lloyd Brasileiro, como o fora do "Siqueira Campos", quando o mesmo encalhou nas praias cearenses, por volta de 1944, durante o bloqueio da guerra. Espírito forte, abraçou de corpo e alma o integralismo, pelo

qual se sacrifica e do qual era Chefe da Província do Mar. Atualmente é membro destacado do Partido de Representação Popular. Vê-se, daí, que tem muito valor pessoal e dou testemunho de seu arraigado patriotismo. Casou-se com distinta dama da sociedade carioca — Celeste —, que tem uma sobrinha casada com um filho do conhecido homem de negócios João Daudt d'Oliveira.

d) — ANÍSIO SORIANO DE MELO (Anisinho). Nasceu a 29 de Setembro de 1892 e faleceu seis meses depois.

e) — ALETA SORIANO DE MELO (Letinha). Nasceu a 4 de Outubro de 1893. Casou-se no Amazonas e desse casamento tem filhos. Mora, se não estou enganado, com minha tia Palmira, em Manaus.

f) — PEDRO SORIANO DE MELO (Pedrinho). Nasceu a 26 de Setembro de 1895. Vive hoje no sul do país, pelas imediações de Petrópolis. É casado e tem muitos filhos.

g) — ROBERTA SORIANO DE MELO. Nasceu a 24 de Novembro de 1897. Morreu.

h) — ELIDE SORIANO DE MELO (Lizinha). Nasceu a 11 de Maio de 1901. Casou-se no Amazonas com o Dr. Carvalhinho, hoje desembargador. Conheci a ambos em 1944, quando vieram ao Ceará e se demoraram algum tempo no hotel de da. Chana, em Maranguape. Deixam descendência.

i) — ELBA SORIANO DE MELO. Nasceu a 11 de Maio de 1907. Mora com a mãe em Manaus. Não casou.

E — ARTUR SORIANO (Senhor). Nasceu no Brejo a 28 de Dezembro de 1870. Foi batizado no dia 23 de Junho de 1872, na matriz do Brejo, pelo Pe. Joaquim Raimundo da Silva. Seus padrinhos foram o Tenente-coronel Raimundo José de Lima e da. Francilina Ferreira Martins, indo por sua procuradora da. Maria Carolina de Araújo Lima. Embarcou para Teresina no dia 13 de Julho de 1884, a fim de cursar o Colégio N. S. das Dores. Foi para São Luís a 16 de Abril de 1895 e de lá seguiu para o Amazonas, em Abril de 1897. Casou-se no Amazonas com Júlia Alves de Oliveira. Faleceu a 1 de Novembro de 1908. Sua mulher morreu a 20 de Agosto de 1909. Deixou quatro filhos:

a) — FRANCISCO DE OLIVEIRA SORIANO (Oliveira). Nasceu a 21 de Novembro de 1900. Casou-se no Rio de Janeiro, onde hoje reside, com Guilhermina Vieira. Trabalha em um Instituto de Previdência, parece-me que o IPASE.

b) — NELSON SORIANO. Nasceu a 1 de Fevereiro de 1903. Foi para o seminário de São Luís, às custas de meu tio Pe. Lino, a 14 de Fevereiro de 1916. Deixou o Seminário em 1920. Acompanhou meus pais quando se transferiram para o Ceará, onde tirou os preparatórios, no Liceu. Seguiu para o sul e lá ingressou no Banco do Brasil. Quando servia na agência de Teófilo Otóni, Minas Gerais, casou-se, a 6 de Fevereiro de 1932, com Elzira, de quem teve alguns filhos. Trabalha há

muitos anos na agência de Salvador, Baía. É' meu padrinho de crisma.

c) — HERCÍLIO SORIANO. Nasceu a 31 de Julho de 1905. Morreu em Manaus a 26 de Janeiro de 1912, às 2 horas da tarde, de "febre", como se diz, após quatro dias de moléstia. Enterrou-se vestido de Menino-Deus, todo de cetim branco com uma cruz cumprida, prateada, enviezada, no peito, e uma coroa prateada na cabeça. O caixão estava coberto de veludo branco.

d) — MANUEL SORIANO, Nasceu a 14 de Outubro de 1907 e morreu a 31 do mesmo mês.

F — ERNESTINA SORIANO CALDAS (Sinhá). Nasceu no dia 27 de Fevereiro de 1874. Foi baptizada no "sobradinho", às 10 horas da manhã do dia 28 de Fevereiro de 1875, pelo Pe. Joaquim Raimundo da Silva. Seus padrinhos foram o Dr. Basiliano Marques Vieira e da. Vitória António Gonçalves Roiz, indo como procuradora sua filha, da. Torquata Gonçalves Roiz. Casou-se a 21 de Novembro de 1906 com Abelardo de Amorim Caldas, seu primo pelo ramo Caldas e já seu concunhado, irmão que era de Josino Elísio de Amorim Caldas (tio Juca), casado com sua irmã Maria Abelarda (tia Bilá). Não teve filhos. Alguns anos depois da morte de seu esposo, que ficara cego, morreu tia Ernestina, que era minha madrinha de baptismo e portadora de um espírito alegre, no dia 25 de Junho de 1949, em sua terra natal.

G — JENER SORIANO. Nasceu no dia 16 de Novembro de 1880. Foi baptizado a 24 de Abril de 1881 pelo vigário Pe. João Francisco Martins. Foram seus padrinhos o Dr. José Joaquim Tavares Belfort e sua mulher, da. Albertina de Moraes Sarmento Belfort, indo como seus procuradores o capitão Simão Fernandes de Oliveira Rebouças e Maria Abelarda de Soriano Caldas, irmã do baptizando. Morreu pelas 5,30 horas da manhã do dia 6 de Julho de 1881. Foi sepultado no dia seguinte, na capelinha de São João, mandada construir por meu avô, Manuel Soriano Guilherme de Melo.

H — JÚLIA SORIANO SOMBRA. Nasceu no dia 17 de Setembro de 1882. Foi baptizada no dia 1 de Novembro do mesmo ano, na matriz do Brejo, pelo Pe. António Lira Pessoa de Maria. Seus padrinhos foram o sr. João Baptista Teixeira e da. Amália Fernandes Bacelar. Casou-se no dia 8 de Novembro de 1899 com Cunegundes Guilherme de Sombra, de Parnaíba. Faleceu, de parto, minha tia Júlia no dia 8 de Novembro de 1900 (no 1º aniversário de casamento), em Parnaíba.

4 — ERNESTO HONORIO ADERALDO DE AQUINO. Nasceu meu avô em Mombaça, então Maria Pereira. Filho de Francisco Aderaldo de Aquino (Padrinho Chiquinho) e Antonina Ferreira Marques Brasil. Desconheço a data de seu nascimento. Casou-se duas vezes, a primeira com Francisca Gonçalves Torres, minha avó, da qual nasceram vários filhos. Meu avô acompanhou seu irmão, o Coronel da Guarda Nacional José Aderaldo de Aquino, na política local e foi, duas vezes, collector es-

estadual em sua terra, a primeira de 1912 a 1914, no Governo Franco Rabelo, sendo exonerado após o triunfo da Sedição de Joazeiro, e a segunda de 1920 a 1930, demitindo-o a política de campanário do Governo Provisório estadual, "aclamado" logo após a vitória da Revolução de 1930. Lamento haver meu avô falecido antes de minha diplomação; do contrário, reivindicaria sua reintegração e cobraria a indenização correspondente, que em boa hora viria amparar sua velhice pobre e honesta. Além do cargo de colector, meu avô exerceu, em mais de um quadriênio, as funções de vereador. Após a proclamação da República, para cada município foi nomeado um Conselho de Intendência, composto de cinco membros — Intendentes, chamados —, em substituição às Camaras Municipais dissolvidas (Decreto de 4-1-1890). Meu avô foi um dos cinco escolhidos para Mombaça, exercendo as funções até a instalação da Camara eleita, após a promulgação da primeira Constituição Estadual. Em viagem que fiz a Mombaça, reví as três casas que, de meu conhecimento, pertenceram a meu avô, numa das quais, situada em uma esquina de pequena praça da cidade, hoje denominada Augusto Lopes Benevides, nasceu meu pai, segundo informação que me forneceram. A segunda delas está situada na praça da matriz, no lado correspondente aos fundos da igreja, conservando o mesmo estilo de então. A última habitada por meu avô, casa de tijolo e telha, com grande terreno (no mínimo, ao que pude calcular, uns 400 metros de frente por 800 de fundo), minha avó tortá ao mudar-se para o Rio vendeu por Cr\$ 700,00! O actual proprietário, doze ou treze anos depois, não a revende por menos de 30 a 40 contos. Algumas pessoas de Mombaça lembram-se, com saudade, segundo dizem, das novenas do mês de Março, em honra de São José, que meu avô promovia todos os anos em sua residência, em cumprimento de uma promessa que fez quando esteve gravemente doente, ainda moço. A essas novenas compareciam as famílias amigas, e meu avô as realizou até o último ano de vida. Meu avô teve os seguintes irmãos:

A — JOSÉ ADERALDO DE AQUINO. Nasceu em Mombaça a 7 de Julho de 1857. Casou-se com uma sobrinha de minha bisavó Domingas Gonçalves Honorato e neta de meu trisavô Capitão da Guarda Nacional António Honorato da Silva Limoeiro, de nome Ana Joaquina Honorato Aderaldo e Silva, nascida aos 20 de Agosto de 1859 e falecida a 18 de Setembro de 1919. José Aderaldo de Aquino foi tabelião público, de 1881 até sua morte, e político influente em Mombaça. Ainda hoje se diz que poucos homens existiram na região que se lhe aproximassem em energia e carácter. Em 1914, com a Sedição de Joazeiro, sofreu grandes humilhações, o que abalou profundamente sua saúde. Cinco casas em Mombaça não exibiram, na época, a bandeira vermelha característica da revolução: a de José Aderaldo, a de meu avô e as de mais três membros da família. Faleceu poucos anos depois, a 3 de Abril de 1920, data que colhi, como as demais citadas neste capítulo, nas lousas do túmulo

que a piedade filial do Pe. Lino Aderaldo mandou construir no Cemitério de Mombaça. Neste mesmo túmulo, aliás, está sepultado meu avô, sem qualquer indicação, porém. O Coronel José Aderaldo possuiu muitos bens, todos distribuídos, após sua morte, entre os vários filhos. Ao Pe. Lino Aderaldo coube, entre outros, o sítio "Iracema", quase dentro da cidade, com óptima vista a descortinar. Essa propriedade foi vendida pelo Pe. Lino a seu cunhado João Castelo por Cr\$ 10.000,00, por volta de 1925. Este passou-a a seu filho Dr. Newton Aderaldo Castelo que, por sua vez, a revendeu, cerca de cinco anos passados, ao Coronel Francisco Martins, actual chefe do Partido Social Democrático em Mombaça e casado com uma irmã de João Castelo, pela quantia de Cr\$ 30.000,00. Chico Martins não a passará a outras mãos, segundo diz, por menos de Cr\$ 100.000,00. O Coronel José Aderaldo deixou muitos filhos, todos nascidos em Mombaça:

a) — PE. FRANCISCO LINO ADERALDO DE AQUINO. Nasceu a 23 de Setembro de 1882. Ordenou-se em São Luís a 25 de Março de 1905. Foi vigário do Brejo, de 1906 a 1920. Escardinou-se para a arquidiocese de Fortaleza, vigariando Senador Pompeu, próximo á sua terra natal, de 1921 a 1941, quando faleceu a 18 de Julho, na capital do Estado. Poucas almas tão ardentes e, paradoxalmente, tão bondosas tenho conhecido. Tudo o que adquiriu no seu longo ministério distribuiu sem medidas entre os parentes, amigos e necessitados. Tanto que morreu pobre, sem nada. Educou sobrinhos, auxiliou parentes, ajudou amigos. Se não fora político militante — destacou-se como chefe local da L. E. C., em 1935 — poucos vigários poderiam ombrear-se com ele na estima de seus paroquianos. De temperamento *sui generis*, sabia como ninguém alegrar-se e zangar-se; mas, como ninguém, tinha a capacidade de perdoar, esquecer, dispensar. Quando doente, velho e pobre, nada lhe faltou, dado o sentimento de gratidão dos que foram por ele beneficiados.

b) — ETELVINA ADERALDO CHAVES. Casada com José Laurindo de Araújo Chaves, irmão de meu padrinho de baptismo, Dr. Pedro Laurentino de Araújo Chaves. Do casamento nasceram os seguintes filhos:

b 1 — CLEONICE ADERALDO CHAVES. Baptizada no dia em que o Pe. Lino cantou a primeira missa em Mombaça. No mesmo dia, aliás, o Pe. Lino casou sua irmã Antonina. Cleonice casou-se com Tertuliano Vieira da Silva e Sá, primo de Tertuliano Vieira e Sá, o Terto da Farmácia Pasteur. Desse consórcio nasceram filhos. Reside em Campo Grande, Mato Grosso.

b 2 — ADELIDE ADERALDO CHAVES. Inupta. Mora com os pais no Rio de Janeiro.

b 3 — DR. DAGMAR ADERALDO CHAVES. Médico conceituado, residente no Rio. Lá se casou.

b 4 — ZÓZIMO ADERALDO CHAVES. Comerciante em Campo Grande, Mato Grosso. Casado.

b 5 — ÁLVARO ADERALDO CHAVES. Estudante de medicina. Casado.

b 6 — EUCLIDES ADERALDO CHAVES. Funcionário do Banco do Brasil em Mato Grosso. Casado.

c — ANTONINA ADERALDO CASTELO. Casou-se com João Fernandes Castelo no dia em que seu irmão Pe. Lino cantou a primeira missa em Mombaça. Parecia física e moralmente com sua mãe. Aliás, dos irmãos, apenas Antonina e o Pe. Lino pareciam fisicamente com a mãe, creatura bondosíssima, dizem. Deixou muitos filhos:

c 1 — PLÁCIDO ADERALDO CASTELO. Advogado. Político, tendo sido eleito deputado estadual pela L. E. C. em 1935 e escolhido líder da maioria, Secretário da Fazenda do Governo Meneses Pimentel e primeiro presidente do I. P. E. C.. Casou-se com uma parenta de minha mãe, Netinha Freire, cuja família se liga aos Guilherme de Melo, de Mossoró. Tem muitos filhos, todos inuptos.

c 2 — NEWTON ADERALDO CASTELO. Engenheiro civil e de minas pela escola de Ouro Preto. Após alguns anos no Ceará, resolveu voltar para Minas, São Lourenço. Casou-se com uma mineira, criatura amável e simpática, chamada Maria Martins.

c 3 — FRANCISCO GENTIL ADERALDO CASTELO. Funcionário do Departamento de Economia Agrícola. Casado.

c 4 — MARIA ADERALDO CASTELO. Professora, já foi diretora do Grupo Escolar de Mombaça. Hoje reside em Fortaleza, casada com um comerciante, Expedito Gomes, de cujo consórcio já nasceram filhos.

c 5 — MARIA GRAZIELA ADERALDO CASTELO. Professora. Casada com o bacharel Edmilson Santos Aires, promotor em Mombaça, de cujo consórcio nasceram alguns filhos.

c 6 — ANA ADERALDO CASTELO (Nanoca). Professora. Casada com o comerciante Francisco Lopes, residente em Mombaça. Tem um filhinho.

c 7 — JOSÉ ADERALDO CASTELO. Assistente da cadeira de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de São Paulo. Rapaz estudioso e inteligente, publicou ótimos trabalhos sobre a personalidade de Araripe Júnior e o Simbolismo no Brasil. Casado com uma paulista, sem filhos.

d) — CUSTODIA ADERALDO ANDRADE. Casada com Raimundo Rocha de Andrade. Morreu de parto, do primeiro filho.

e) — ADELAIDE ADERALDO DE AQUINO. Morreu inupta, em 1944, na Fortaleza, mas seus restos mortais foram depois trasladados para o túmulo da família em Mombaça.

f) — JOSÉ ADERALDO FILHO. Comerciante em Mombaça,

quando adquiriu desastrada moléstia que o privou do convívio da família durante prolongados anos, hospitalizado em Fortaleza. Casou-se com Mariquinha Benevides, de cujo casamento nasceu uma filhinha, Miriam, hoje casada em Uruburetama, já sendo mãe.

g) — CRISTINA ADERALDO BENEVIDES. Agente dos Correios e Telégrafos em Mombaça, em substituição a seu segundo marido. Casou-se com Washington Pereira de Alencar, nascendo alguns filhos que faleceram crianças, e, após, com Francisco Pereira de Sá e Benevides, que também faleceu, deixando do matrimônio três filhos:

g 1 — WAGNER ADERALDO BENEVIDES. Casado, havendo um filhinho, residente em Fortaleza.

g 2 — WANDA ADERALDO BENEVIDES. Professora.

g 3 — WALDO ADERALDO BENEVIDES. Estudante.

B — MIGUEL PLÁCIDO ADERALDO DE AQUINO (Padrinho Miguel). Casado com Isabel Torres, parenta de minha avó paterna, Francisca Gonçalves Torres. Do casamento nasceram os seguintes filhos:

a) CONSTANTINO, que foi para o Pará.

b) ANTONIA.

c) AMÉLIA. Casou-se com Manuel Joaquim Teixeira, parente do cel. José Francisco Alves Teixeira, influente político do sul do Estado.

d) BELA.

e) FRANCISCA. Casada com João António Gonçalves, parente de minha avó paterna, Francisca Gonçalves Torres. Do consórcio nasceram os seguintes filhos:

e1 — ANTÓNIO ADERALDO GONÇALVES. Funcionário da Inspetoria de Produção Animal, em Fortaleza. Casado com Antónia Gonçalves de Oliveira. Nasceram-lhe os seguintes filhos: — Francisca Aderaldo Gonçalves, apelidada Albanisa, Maria Aderaldo Gonçalves, Teresinha Aderaldo Gonçalves e Ana Aderaldo Gonçalves, apelidada Donana.

e2 — TADEU ADERALDO GONÇALVES. Casado com Raimunda Ferreira. Deixa os seguintes filhos: — Deusinha e António.

e 3 — MIGUEL ADERALDO GONÇALVES. Casado, sem filhos.

e 4 — ANA ADERALDO GONÇALVES. Casada com José António Fortaleza, falecido. Ela também já faleceu, deixando uma filha de nome Perpétua.

e 5 — ISABEL ADERALDO GONÇALVES.

e 6 — EUFRÁSIO ADERALDO GONÇALVES.

C — FRANCISCA. Casada com Demétrio Ferreira Marques Brasil, seu parente, como o nome indica. Esta minha tia-avó, deixou vários filhos, entre os quais cito:

a) JOSÉ BRASIL MARQUES DE AQUINO, residente em Mombaça.

b) ANTÓNIO MARQUES DE AQUINO.

5 — FRANCISCA GONÇALVES TORRES. Filha de Francisco Torres e Domingas Gonçalves Honorato, esta, por sua vez, filha do Capitão Honorato e irmã de José Honorato, pai de Ana Joaquina Honorato Aderaldo e Silva. Assim, a mãe do Pe. Lino Aderaldo era prima legítima de minha avó; ambas casaram com dois irmãos — o Coronel José Aderaldo e meu avô Ernesto —, que descendiam também do pai do Capitão Honorato, Manuel Pereira da Silva, sendo assim todos parentes próximos entre si, razão por que meu pai e o Pe. Lino se consideravam irmãos e não primos apenas.

6 — MANUEL SORIANO GUILHERME DE MELO (Ioiô). Nasceu em Mossoró a 15 de Setembro de 1820. Filho de Simão Guilherme de Melo e Inácia Maria de Melo ou Inácia Maria da Paixão. Transferiu sua residência para o Brejo em 1845, com 25 anos de idade, portanto. Não há explicação para essa emigração, pois seus parentes eram pessoas influentes na cidade de Mossoró. No livro de Vingt-Un Rosado — “Mossoró”, Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1940 — são constantes as citações referentes aos Guilherme de Melo. Elevada à categoria de vila, termo e município por lei provincial de 1852, foram feitas as primeiras eleições em Mossoró e escolhidos os vereadores e juiz de paz para o quadriênio 1852-1856. Entre os vereadores estava o Ten.-cel. Miguel Arcanjo Guilherme de Melo, parente de meu avô. Simão Balbino Guilherme de Melo, irmão de meu avô, foi escolhido suplente de vereador (obra citada, pags. 31 e 32). No quadriênio 1857-1860, foi meu tio-avô Simão Balbino escolhido presidente da Camara, ficando com a vice-presidência o Ten.-cel. Miguel Arcanjo. Entre os suplentes de vereadores apareceu mais um membro da família — Geraldo Joaquim Guilherme de Melo, irmão de Miguel Arcanjo (o. c., pág. 35). Para o quadriênio 1861-1864 Miguel Arcanjo foi eleito presidente da Camara, suplentes de vereadores Simão Balbino e outro membro da família — Manuel Justiniano Guilherme de Melo (o. c., pág. 38). No quadriênio seguinte (1865-1868) o Ten.-cel. Miguel Arcanjo continuou como presidente da Camara (o. c., pág. 41). Para o quadriênio 1869-1872 um novo membro da família — Miguel de Medeiros Guilherme de Melo — foi eleito suplente de vereador (o. c., pág. 44). No quadriênio 1873-1876 o Ten.-cel. Miguel Arcanjo voltou a ser presidente da Camara (o. c., pág. 46). Nas eleições para o biênio 1881-1882 outro membro da família — Miguel Tertuliano Guilherme de Melo — foi escolhido suplente de vereador (o. c., pág. 54). No referido livro de Vingt-Un Rosado, á pág. 121, são relacionados os mossoróenses titulados e, entre os padres, citado Francisco Longino Guilherme de Melo, irmão de meu avô. Era costume da época, seguido por meu bisavô, Simão Guilherme de Melo, dar dois nomes próprios aos filhos, o segundo geralmente escolhido em homenagem ao santo do dia do nascimento. Esses segundos nomes foram formando novas famílias — os Sorianos, os Reis, etc.. Pelo que pude

encontrar, no aludido livro de Vingt-Un Rosado (pág. 206), meu tio-avô Simão Balbino Guilherme de Melo tinha como genro (ou sogro; não consegui apurar em vista da linguagem imprecisa do documento). Florêncio de Medeiros Cortêz. O mesmo se diga de João Lopes de Oliveira Melo, filho (ou pai) de Miguel Arcanjo (o. c., pág. 207). Os Melos abundam na história de Mossoró com posições privilegiadas. Assim, não se explica, repito, a emigração de meu avô. Algum motivo íntimo, sentimental? A verdade é que meu avô, pouco tempo depois de sua chegada ao Brejo, foi nomeado professor público (cadeira de professor público de primeiras letras de 2º grau, na linguagem para mim transmitida por minha tia Suçu), exercendo o magistério até 26 de Agosto de 1886, data de seu passamento. Sepultou-se no dia seguinte, na capela de São João, por ele construída. Foram seus alunos, guardando dele carinhosa gratidão, o Marechal Pires Ferreira e o Dr. Aurélio de Lavor, aquele senador da República e êste político de evidência no Ceará. Meu avô era filiado ao partido liberal no tempo da Monarquia, cujas ideias jamais abandonou. Era Tenente-coronel-ajudante da Guarda Nacional do distrito do Brejo. Casou-se com minha avó, Roberta Francisca Coelho Soriano, aos 19 de Dezembro de 1862, de cujo consórcio teve nove filhos, minha mãe inclusive. Meu avô deixou, com sua morte, um monte-pio para minha avó, do qual estraio aqui copia fiel: "Monte-Pio Geral de Economia — dos — (armas do império) — Servidores do Estado — Estabelecido pelo Decreto de 10 de Janeiro de 1835. — Título de Pensão nº 2.200, 2a. série — A Directoria do Monte-Pio resolveu conceder á Senhora — D. Roberta Francisca Coelho Soriano — viuva do contribuinte Coronel Manoel Soriano Guilherme — de Mello, — a pensão annual de trescentos e trinta e tres mil trezentos e trinta e trinta e tres reis (333\$333) — a contar de 27 de Agosto de 1886, — que lhe será paga mensalmente na Thesouraria do Monte-Pio nesta Côrte, ou trimen — salmente na Thesouraria de Fazenda de qualquer Provincia do Imperio, onde estabeleça a — sua residencia. — E para seu Título se expedio o presente, que deverá ser inscripto no respectivo livro. — Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1887. — O Presidente, Visconde de Paranaguá. — O Secretário, Joaqm Antunes de Figueiredo Jr. — (Verso) Sdo e registrado af 85 do Lº respectivo de nº 5 — Thesouraria de Fazenda do Maranhão, 13 de agosto de 1887 — O escriptº — Alfredo Ganard" (?). Títulos semelhantes foram expedidos aos sete filhos vivos — Maria Abelarda Soriano Caldas, Maria Palmira Soriano, Inácio Soriano, Artur Soriano, Ernestina Soriano, Júlia Soriano e Elisa Soriano (minha mãe, cujo título recebeu o nº 2.207, 2a. série, e foi registrado na Tesouraria de Fazenda do Maranhão ás folhas 92 do livro n. 5), diferentes porém as quantias da pensão anual, que para os filhos ficou fixada em 47\$619, somando as sete pensões o total correspondente á de minha avó — 333\$333. Meu avô tinha os seguintes irmãos, de meu conhecimento:

A — Pe. FRANCISCO LONGINO GUILHERME DE MELO.

B — SIMÃO BALBINO GUILHERME DE MELO. Presidente da Camara Municipal de Mossoró no quadriênio 1857 — 1860, além de ter sido também vereador e suplente de vereador noutras legislaturas.

C — LOURENÇO JUSTINIANO GUILHERME DE MELO.

D — MARIA DA PAIXÃO GUILHERME DE MELO.

E — LEANDRA GUILHERME DE MELO.

F — COSMA GUILHERME DE MELO.

G — JOSEFA GUILHERME DE MELO.

H — LUIZA GUILHERME DE MELO.

I — ANA GUILHERME DE MELO.

J — CONCEIÇÃO GUILHERME DE MELO.

L — INÁCIA MADALENA GUILHERME DE MELO. Casada com outro membro da família, Manuel Januário Guilherme de Melo, filho, este último, de Manuel Guilherme de Melo e Geralda Fraga, e irmão de Miguel Arcanjo, presidente da Camara Municipal de Mossoró em vários quadriênios, de Geraldo Joaquim Guilherme de Melo, de João dos Reis Guilherme de Melo, de Francisca Guilherme de Melo, de Maria Joaquina Guilherme de Melo, de Josefa Guilherme de Melo (outra) e de Luzia Guilherme de Melo. Inácia Madalena, minha tia-avó, e seu marido Manuel Januário deixaram os seguintes filhos:

a) MANUEL SALVIANO GUILHERME DE MELO.

b) LUÍS GUILHERME DE MELO.

c) LOURENÇO GUILHERME DE MELO.

d) JOÃO EVANGELISTA GUILHERME DE MELO.

e) SIMÃO GUILHERME DE MELO (outro).

f) FREDERICO GUILHERME DE MELO.

g) FRANCISCO OVÍDIO GUILHERME DE MELO.

h) ANTÔNIO FRAGA GUILHERME DE MELO.

i) BELISA GUILHERME DE MELO.

j) SOFIA GUILHERME DE MELO

l) ANTÔNIA ANTUSA GUILHERME DE MELO.

m) ANTÔNIO JANUÁRIO GUILHERME DE MELO.

n) LAUREANO GUILHERME DE MELO, que deixou os seguintes filhos:

n 1 — JEREMIAS GUILHERME DE MELO. Nascido aos 3 de Abril de 1862 em Redenção, Ceará.

n 2 — FRANCISCO GUILHERME DE MELO. Nascido aos 25 de Agosto de 1865 em Quixeramobim, Ceará.

n 3 — LOURENÇO GUILHERME DE MELO. Nascido em 1867, em Quixeramobim.

n 4 — ANTÔNIO GUILHERME DE MELO. Nasceu em Quixeramobim, após seu irmão Lourenço. Fixou-se depois no Brejo, onde constituiu família e foi chefe político.

n 5 — JOSÉ MENTOR GUILHERME DE MELO. Nascido no Brejo, aos 18 de Setembro de 1880. Ali constituiu família, casando-se com u'a moça da família Couto. Tipo empreendedor, foi quem primeiro explorou o babaçu. Manteve notável demanda jurídica contra a Booth Line, de quem arrematara um vapor naufragado no rio Parnaíba. A companhia inglesa, vendo depois que fizera mau negócio, tratou de anulá-lo, alegando que o agente não tinha autorização para representá-la. A questão ainda hoje, morto José Mentor há muitos anos, permanece no Supremo Tribunal Federal... Deixou vários filhos, dentre os quais o inteligente advogado Aldi Mentor Couto Melo, brejense, residente em Fortaleza; José Maranhão Couto Melo, com extraordinária propensão para a mecânica, tendo construído um avião com motor de automóvel; e Seth Couto Melo, médico do Exército.

n 6 — ASSIS MENTOR GUILHERME DE MELO

7 — ROBERTA FRANCISCA COELHO SORIANO (Iaiá, para os membros da família, e Da. Robertinha, para os conhecidos). Nasceu no Brejo aos 24 de Setembro de 1845. Filha de Roberto Francisco Coelho e Maria de Caldas Ferreira Coelho. Filha única, nasceu seis meses depois da morte de seu pai, meu bisavô, oficial do exército imperial a serviço de Caxias na luta contra a Balaiada. Casou-se com Manuel Soriano Guilherme de Melo em 19 de Dezembro de 1862, com dezessete anos, enquanto meu avô estava nos 42. Sobre o casamento de meus avós maternos, vale a pena contar como se realizou, pois retrata a mentalidade da época. Tendo meu avô ouvido a conversa de rapazes, na qual disse um que iria no dia seguinte pedir minha avó em casamento, meu avô dirigiu-se imediatamente à casa de minha bisavó, viúva, pedindo-lhe a mão de sua filha. Minha bisavó, surpreendida, mas com a deferência que merecia o professor da cidade, respondeu-lhe nada ter que opor à sua pretensão, mas só realizaria o casamento se fosse de gosto de minha avó. Chamada esta, respondeu que queria, tendo-se realizado o casamento. Noivaram, dest'arte, sem nunca haverem namorado, embora se conhecessem de muito tempo, pois meu avô fora professor de minha avó. Morreu-lhe o marido quando minha avó tinha 41 anos. Viveu ainda 34 anos, pois faleceu aos 75, em 11 de Setembro de 1920, sepultando-se no dia seguinte na capela de São João, construída por seu finado marido. Contava eu três anos quando minha avó materna (Iaiá) morreu. Guardo, porém, viva recordação de sua bondade e lembro-me de algumas cenas de sua morte: minha avó deitada no leito mortuário, o pranto de minha mãe, o longo e largo pano preto, com uma cruz prateada, vedando a porta principal de nossa casa. Minha avó, semelhantemente a meu avô, era boa "senhora". A despeito da "lei áurea", continuavam morando com ela os escravos libertos. Minha mãe conheceu alguns deles, de quem me falava com carinho e saudade, principalmente da Cosma. Filhas desses antigos escravos vieram a ser empregadas de minha mãe, que as tinha

quase como pertencentes á família, como ocorria naqueles tempos em que não havia reivindicações trabalhistas mas os domésticos desfrutavam maiores regalias do que hoje, se tinham a sorte de servir a famílias de sentimentos cristãos.

8 — FRANCISCO ADERALDO DE AQUINO (Padrinho Chiquinho). Chamava-se, de facto, Francisco da Silva Brito. No tempo da campanha nacionalista e nativista, contemporanea da Independência e das Revoluções de 1817 e 1824, quando apareceram os Araripes, os Sucupiras, os Mororós, etc., substituindo os sobrenomes portugueses, meu bisavô, a conselho do seu professor de primeiras letras, passou a assinar-se Francisco Aderaldo de Aquino. Deu, assim, origem á família Aderaldo. Era filho de José Fiuza de Brito e de Maurícia Silva, vulgo Dona, irmã do Capitão Antônio Honorato da Silva Limoeiro, que deixou nome na história do Ceará como homem destemido e valente. Dele falaram Gustavo Barroso ("Heróis e Bandidos"), Esperidião de Queiroz Lima ("Antiga família do sertão") e outros estudiosos de cousas e factos de nossa terra. Apenas trocaram o seu nome próprio, que era Antônio e os citados escritores disseram ser Manuel. Devemos esta retificação a Augusto Tavares de Sá e Benevides, que sobre ele também escreveu ("Mombaça"). Casou-se meu bisavô com Antonina Ferreira Marques Brasil, irmã do velho Zuza, José Ferreira Marques Brasil, sobrinhos ambos de Leonardo Ferreira Marques Brasil, Barão de São Leonardo. Meu bisavô foi promotor interino de Mombaça, no trágico ano de 1877. Tinha meu bisavô um irmão bilateral — Manuel Aderaldo de Aquino e Silva —, conhecido por Neneco (o mais velho), que durante longos anos foi Secretário da Camara Municipal de Mombaça. Além deste, meu bisavô tinha três irmãos unilaterais: — Dorgival Aires do Nascimento, vulgo Dorgi; Manuel Aires do Nascimento, alcunhado Rico, que foi tabelião interino em Mombaça; e Miguel Aires do Nascimento, falecido no Amazonas. De Dorgi é neto Mariano Aires do Nascimento, meu antecessor na Prefeitura de Senador Pompeu. De Manuel Aires do Nascimento era filho Modesto Aires de Aquino, que foi comerciante em Fortaleza, na antiga Rua do Chafariz, hoje José Avelino, esquina da Avenida Alberto Nepomuceno. Modesto era casado com Alice Pereira de Alencar, irmã de Washington Pereira de Alencar, primeiro marido de minha prima Cristina, irmã do Pe. Lino Aderaldo. Modesto deixou vários filhos, entre eles Risoleta, casada com o comerciante F. Hermínio, estabelecido na Praça do Ferreira, proprietário que é do Bazar Elétrico. Conheci uma fotografia do meu bisavô, já com os cabelos brancos, cortados em escovilha, fisionomia serena denotando bondade.

9 — ANTONINA FERREIRA MARQUES BRASIL. Minha bisavó, casou-se com Fco. Aderaldo de Aquino. Era sobrinha, como já foi dito, do Barão de São Leonardo (Leonardo Ferreira Marques Brasil), e irmã do velho Zuza (José Ferreira Marques Brasil), figura muito conhecida dos antigos de Mombaça.

10 — FRANCISCO TORRES. Meu bisavô, casou-se com Domingas Gonçalves Honorato, filha do Capitão Honorato, atrás referido, irmã de José Gonçalves Honorato, pai de Ana Joaquina Honorato Aderaldo e Silva, mãe do Pe. Lino Aderaldo, que era assim parente do meu pai por ambos os lados, paterno e materno, e sobrinha de Maurícia Silva, vulgo Dona, mãe de Francisco Aderaldo de Aquino. Não sei dos nomes dos pais deste meu bisavô. Param aqui minhas pesquisas sobre este ramo da família.

11 — DOMINGAS GONÇALVES HONORATO. Casou-se com Francisco Torres, pai de Francisca Gonçalves Torres, minha avó paterna. Era filha do célebre Capitão Honorato, irmã de José Honorato, avô materno do Pe. Lino Aderaldo, e sobrinha de Maurícia Silva, vulgo Dona, mãe de Francisco Aderaldo de Aquino. Nota-se o entrelaçamento dos membros dessas duas famílias.

12 — SIMÃO GUILHERME DE MELO. Pai de meu avô Manuel Soriano Guilherme de Melo, Casado com Inácia Maria da Paixão. Não sei quais foram os seus pais. Fico aqui, portanto, em relação a este ramo de minha árvore genealógica. Sómente uma pesquisa *in loco*, e nos cartórios de Mossoró, poderá trazer outros elementos. Desconfio de que os Guilherme de Melo, por vários factores — posição destacada na vida política de Mossoró e proximidade dessa antiga vila riograndense-do-norte da então Província de Pernambuco — se ligam á afamada família Melo, um dos seus membros, Pedro de Albuquerque Melo, tendo sido, naqueles tempos, Capitão-mór da Província do Rio Grande do Norte. Sei, por informação do Dr. Aldi Mentor Couto Melo, que dom Severino Vieira de Melo, bispo do Piauí, é descendente de um ramo de nossa família, não conhecendo eu, porém, o grau de parentesco.

13 — INÁCIA MARIA GUILHERME DE MELO ou Inácia Maria da Paixão. Casada com Simão Guilherme de Melo. Outras informações não tenho sobre esta minha bisavó. Fico, também, aqui em relação a este ramo de família.

14 — ROBERTO FRANCISCO COELHO (Ioiô Roberto). Nasceu em Laguna, Santa Catarina. Tenente do Exército Imperial, serviu sob as ordens do futuro Duque de Caxias, no Maranhão, combatendo os revoltosos da Balaiada. De maneira curiosa este meu bisavô conheceu aquela que havia de ser sua esposa, episódio que me foi relatado por minha mãe. A vila de Brejo foi teatro da luta entre as duas facções. Os soldados do exército, quando retomaram a vila, depredavam, saqueavam e matavam aqueles que haviam colaborado com os rebeldes, que antes praticaram coisa igual ou pior. Minha bisavó Maria de Caldas Ferreira morava com seu pai, velho e cego. Querendo livrar-se da perversidade dos soldados, escondeu o genitor numa gaveta de cômoda e ocultou-se atrás de uma porta. Ainda assim foi descoberta e, exibindo a imagem do Crucificado, pedia ela que a não matassem, quando um jovem oficial — justa-

mente aquele que viria a ser seu esposo — aparece providencialmente e, tomando conhecimento de que ela estava inocente e de que seu pai estava escondido na gaveta da cômoda, manda retirá-lo, protege-os e aconselha-a a nunca ocultar-se, pois tal atitude despertaria desconfiança. Enquanto demorou no Brejo, o tenente de Caxias frequentou a casa de minha bisavó, terminando por desposá-la. Pacificado oficialmente o Maranhão a 29 de Janeiro de 1841, fizeram ambos uma visita a Laguna, cujas impressões, especialmente sobre o Rio de Janeiro, minha bisavó transmitiu às netas. Meu bisavô Francisco Roberto Coelho morreu assassinado, a 29 de Março de 1845, de dois tiros que lhe deram remanescentes da revolução, deixando grávida sua jovem esposa. Era filho de Jerônimo Francisco Coelho, ministro do Império, sobre quem falarei adiante.

15 — MARIA DE CALDAS FERREIRA COELHO (Dindinha). Nasceu no Brejo a 24 de Outubro de 1824, dados estes fornecidos por minha tia Suçu. Casou com Roberto Francisco Coelho, Tenente do Exército Imperial, em operações no Maranhão, sob o comando do futuro Duque de Caxias, enfrentando as tropas dos participantes da Balaiada. Filha de Manuel de Caldas Ferreira e de Josefa Maria Alves. Teve uma única filha, minha avó materna, que nasceu seis meses depois do assassinio de seu pai. Morreu minha bisavó Dindinha a 13 de Outubro de 1897 e sepultou-se no cemitério do Brejo, trasladados, depois, os restos mortais para a capelinha de São João, que meu avô, seu genro, já falecido, havia construído.

16 — JOSÉ FIUZA DE BRITO. Era casado com Maurícia Silva, vulgo Dona, irmã do Capitão Honorato. Terminam aqui as pesquisas que fiz sobre este ramo da família.

17 — MAURÍCIA SILVA, vulgo Dona. Casada com meu trisavó José Fiúza de Brito. Irmã do Capitão Honorato, filha, portanto, de Manuel Pereira da Silva, descendente directo de Maria Pereira da Silva, sesmeira e fundadora da cidade de Mombaça, que já possuiu seu nome.

18 — RAIMUNDO FERREIRA MARQUES BRASIL. Filho de Raimundo Ferreira Marques. Irmão unilateral de Leonardo Ferreira Marques Brasil, Barão de São Leonardo, sobre quem meu primo Plácido Aderaldo Castelo escreveu uma plaquete intitulada "O Barão de São Leonardo", publicada em 1942 pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. O Barão lutou a favor das forças regulares, na famosa Balaiada, principiada em Dezembro de 1838. Ao inscrever-se como voluntário tinha 18 anos e ao findar a revolta era Capitão, com 21 anos incompletos. Antes, ainda adolescente, pois nascera a 8 de Agosto de 1820, o futuro Barão presenciou "o conflito em que Pinto Madeira, pela segunda vez, abandonaria as várzeas do Icó, decidindo, no combate, os seus ideais" (Plácido Aderaldo Castelo, o. c., pág. 13). O Barão, casado que foi com Aline Gauthier, parisiense, deixou cinco filhos: a) —

Leonardo, que morreu criança; b) — Maria, que se casou com Antônio Amorim, português, cuja filha se consorciou com o Engenheiro Lúcio Freitas do Amaral, que exerceu cargos importantes no Ceará e no Pará; c) — Aline, casada com o Desembargador Esmerino Gomes Parente, os quais deixaram quatro filhos, destacando-se o primeiro, Leonardo, que morreu em Manaus deixando oito filhos, um dos quais é o Bacharel Álvaro Cunha Parente, magistrado em São Paulo, e a segunda, que se chamou Leopoldina, casada com o Deputado estadual, seu primo, Emílio Gomes Parente, pais do Agrônomo Esmerino Gomes Parente; d) — Isabel, casada com o Engenheiro Aristides Pereira Leão, que desempenhou importantes comissões no Ceará, Pará, Pernambuco e Sergipe, tendo o casal uma filha única; e) — Maria Luisa, casada com José Quirino da Silva, dos quais nasceram nove filhos, entre eles Renato Silva, Magistrado no Ceará, e José Augusto Silva, Agrônomo. Outro irmão unilateral de Raimundo Ferreira Marques Brasil, chamado Bento, demonstrou mais tarde no exército que valor e honradez eram qualidades comuns naquela época (Plácido Aderaldo Castelo, o. c., pág. 15).

19 — A mãe do Barão de São Leonardo e de Bento Ferreira Marques Brasil chama-se Tomasia, mas meu tetravô Raimundo Ferreira Marques casou duas vezes e meu trisavô Raimundo Ferreira Marques Brasil era filho dessa outra mulher, cujo nome não sei. Param aqui, portanto, minhas pesquisas sobre este ramo de família.

20 e 21 — ?

22 — Capitão ANTÔNIO HONORATO DA SILVA LIMOEIRO. Este meu trisavô se notabilizou por um feito que ficou registrado nas páginas da história cearense. Demos a palavra a Augusto Tavares de Sá e Benevides: “Um bisneto de Pedro Barbalho e Teresa de Sousa, Capitão Antônio Honorato da Silva Limoeiro, filho de Manuel Pereira da Silva, teve larga actuação na vida política de Mombaça. Quando, em 1834, o Capitão Honorato exercia o cargo de Juiz de Paz, tornou-se célebre pela prisão que efectuou dos criminosos Estácio José da Gama e João Cariri, em circunstancia verdadeiramente dramática, revelando bravura e astúcia” (Revista do Instituto do Ceará, ano de 1947, pág. 250).

23 — FRANCISCA GONÇALVES. Casou-se com o Capitão Honorato. Era irmã de Francisco Gonçalves, conhecido por “velho tenente”, de quem se contam histórias pitorescas em Mombaça. Relativamente a este ramo da família, terminam aqui as minhas pesquisas.

24, 25, 26 e 27 — ?

28 — JERÔNMO FRANCISCO COELHO. Sobre este meu trisavô, cedemos a palavra ao Dr. Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake, em seu “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”, terceiro volume, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1895, pág. 301: “Filho do Major Antônio Francisco Coelho e de da. Francisca Lima do Espírito Santo

Coelho, nasceu em Laguna, em Santa Catarina, a 30 de Setembro de 1806 e faleceu em Nova Friburgo a 16 de Janeiro de 1860. Tendo feito o curso de matemática e engenharia na escola militar, onde formou-se, serviu no exército, á princípio na arma de artilharia e depois no corpo de engenheiros, subindo até ao posto de brigadeiro. Foi deputado em sua Província natal de 1835 a 1847, e deputado geral em 1857 e por outras vezes; presidiu á Província do Pará e ocupou a pasta dos negócios da guerra em dous gabinetes. Era do conselho do Imperador, vogal do conselho supremo militar de justiça, comendador da ordem da Rosa e da de S. Bento de Aviz, e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Escreveu vários relatórios nos altos cargos que ocupou"... Entre esses trabalhos citemos os que Sacramento Blake relaciona: — 1 — *Relatório* apresentado á Assembléia geral legislativa na sessão da 10a. legislatura, como Ministro de estado dos negócios da guerra (Rio, 1858); 2 — *Conta* dada ao governo de um reconhecimento militar na fronteira de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul (1842); 3 — *Regulamento* a que se refere o decreto n. 2.116, de 1º de Março de 1858, reformando as escolas militares existentes e criando a Escola Central, hoje Politécnica (Rio, 1858); 4 — *Mapa* da medição e demarcação das vinte e cinco léguas quadradas de terras concedidas em complemento do dote da Princeza de Joinville, compreendendo os terrenos adjacentes do rio S. Francisco e ilha do mesmo nome na Província de Santa Catarina (1846). Ainda a respeito de meu trisavó, o jovem mas erudito historiador Dr. Luís Barros forneceu-me os seguintes elementos: "Jerónimo Francisco Coelho foi Ministro da Guerra e interinamente da Marinha do gabinete liberal de 2 de Fevereiro de 1844, do qual faziam parte José Carlos de Almeida Torres como Ministro do Império, Manuel Alves Branco (2º Visconde de Caravelas) como Ministro da Fazenda e Justiça e Ernesto Ferreira França como Ministro dos Negócios Estrangeiros. Este gabinete durou até fins de 1845, e foi no seu tempo que teve fim a *guerra dos farrapos*; mas Jerónimo Francisco Coelho não chegou ao fim do período, devido a Almeida Torres. Em 1848 foi Jerónimo Francisco Coelho nomeado presidente do Pará, pelo Ministério de 6 de Março de 1848, do qual era presidente José Carlos de Almeida Torres, Visconde de Macaé. O gabinete conservador de 27 de Setembro de 1848, que tinha como presidente Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda), o manteve neste posto. Jerónimo Francisco Coelho fez parte, ainda, do gabinete de 4 de Maio de 1856 como Ministro da Guerra. Deste gabinete faziam parte Pedro de Araújo Lima como Ministro do Império, Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos como Ministro da Justiça, José António Saraiva como Ministro da Marinha, Bernardo Sousa Franco como Ministro da Fazenda e Caetano Maria Lopes Gama como Ministro dos Negócios Estrangeiros. Este gabinete, que durou até 14 de Dezembro de 1858, denominou-se "de conciliação

política", e foi durante ele que surgiu uma espécie de encilhamento, devido às ideias do Ministro da Fazenda. Jerônimo Francisco Coelho foi ainda presidente do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul." Não sei com quem se casou meu trisavô Jerônimo Francisco Coelho. Sei, porém, que era homem que aliava valor intelectual e força moral a bondade natural. Ilustração disto é o que fez com o grande poeta e médico Laurindo Rabelo. Pode-se mesmo afirmar que de uma sua atitude dependeu a salvação do boêmio poeta. Cedamos a palavra a J. Norberto, que assim se expressa relatando o ambiente de descrédito que os próprios colegas criavam para o conhecido intelectual: "Lutava pois com estas dificuldades quando um dia lhe veio a ideia encontrar não um doente, mas um batalhão de doentes. Riram-se os seus amigos, mas Laurindo voltou-lhes as costas, e subiu sem recomendação de qualidade alguma as escadas da secretaria da guerra e apresentou-se á audiência do ministro. Acolheu-o o conselheiro Jerônimo Francisco Coelho com aquela benignidade que lhe era peculiar, e admirado de vê-lo tão só e desprotegido de empenho, simpatizou com a sua inteligência, condeou-se de sua sorte, e por decreto de 23 de Setembro de 1857 foi nomeado segundo cirurgião tenente do corpo de saúde do Exército (Obras Completas de Laurindo José da Silva Rabelo — Organização, Introdução e Notas por Osvaldo Melo Braga — Cia. Editora Nacional, São Paulo — 1946 — Primeira Parte, Juízos Críticos — Notícia sobre o Dr. Laurindo Rabelo e suas obras por J. Norberto — Págs. 50 e 51).

29 — Não me foi possível, até agora, colher dados sobre a mãe de meu bisavô Roberto Francisco Coelho e esposa de meu trisavô Jerônimo Francisco Coelho. Só até aqui chegaram minhas pesquisas sobre este ramo de minha família.

30 — MANUEL DE CALDAS FERREIRA. Foi o velhinho cego que minha bisavó Maria de Caldas Ferreira (Dindinha), sua filha, escondeu na gaveta da cómoda para escapar aos excessos dos soldados do exército nas lutas da Balaiada, episódio atrás referido. Nada mais sei sobre ele, além do nome de sua esposa, Joséfa Maria Alves, morta já antes de minha bisavó convolar nupcias.

31 — JOSEFA MARIA ALVES. Minha trisavó, dela sei o nome, que me foi conhecido por tradição. Casada com Manuel de Caldas Ferreira. Nada mais sei sobre este ramo da família.

32 e 33 — ?

34 — MANUEL PEREIRA DA SILVA. Filho de Pedro de Abreu Pereira e de Maurícia Pereira da Silva. Casado com Francisca Maria de Jesus. Pai de Maurícia Silva, vulgo Dona, mãe de Francisco Aderaldo de Aquino, e do Capitão Honorato, pai de Domingas Gonçalves Honorato.

35 — FRANCISCA MARIA DE JESUS. Desta tetravó sei apenas que se casou com Manuel Pereira da Silva. Acerca deste ramo de minha família apenas levanto a suspeita de que esta minha tetravó fosse parenta

de Ana Maria de Jesus, filha dos portugueses João Francisco Florim e Luísa Santos e casada com o português nascido em Ponte de Lima, Arcebispo de Braga, Pedro Cunha Lima, filho de Manuel Cerqueira da Cunha e de Maria de Sá Cunha. Entre os descendentes do Capitão Pedro da Cunha Lima existem muitas mulheres que, após o nome próprio, assinavam *Maria de Jesus*. (Augusto Tavares, obra citada, págs. 253 e 254). Nota-se, assim, que os filhos homens se consideravam (nem todos) *Cunha Lima*, por causa do pai, mas as filhas mulheres se consideravam *Maria de Jesus*, por causa da mãe. Inácia Maria de Jesus, filha de Pedro da Cunha Lima e de Ana Maria de Jesus, casou duas vezes, a segunda com Tomás Ferreira de Magalhães, ascendente de Severino Ferreira de Magalhães, pai, este último, dos Coroneis Fenelon, Ananias, Zequinha e Filemon, nascidos no sítio "Contendas", motivo porque assim passou a família a ser conhecida.

36 — RAIMUNDO FERREIRA MARQUES. Este meu tetravô era filho de Antônio Ferreira Marques e de Francisca Gertrudes da Conceição. Casado duas vezes. Da Tomásia Ferreira nasceram o Barão de São Leonardo e Bento Ferreira Marques Brasil. De minha tetravó — cujo nome não consegui — nasceu Raimundo Ferreira Marques Brasil.

37 — Ignoro o nome da minha tetravó, mãe de meu trisavô Raimundo Ferreira Marques Brasil e mulher de meu tetravô Raimundo Ferreira Marques, que também se casou com Tomásia Ferreira, da qual nasceram Leonardo Ferreira Marques Brasil (o Barão de São Leonardo) e Bento Ferreira Marques Brasil, irmãos unilaterais de meu trisavô. Deste ramo de minha família nada mais pude colher.

38, 39, 40, 41, 42 e 43 — ?

44 — MANUEL PEREIRA DA SILVA. O mesmo do n. 34.

45 — FRANCISCA MARIA DE JESUS. A mesma do n. 35.

46 - 47 - 48 - 49 - 50 - 51 - 52 - 53 - 54 e 55 — ?

56 — ANTÔNIO FRANCISCO COELHO. Major, segundo informações de Sacramento Blake. Pai de meu trisavô Jerônimo Francisco Coelho. Casado com Francisca Lima do Espírito Santo Coelho. Ignoro outros pormenores deste ramo da família. Somente uma pesquisa *in loco* poderia fornecer novos dados.

57 — FRANCISCA LIMA DO ESPÍRITO SANTO COELHO. Mãe de meu trisavô Jerônimo Francisco Coelho. Casada com o Major Antônio Francisco Coelho. Deles nada mais sei.

58 - 59 - 60 - 61 - 62 - 63 - 64 - 65 - 66 e 67 — ?

68 — PEDRO DE ABREU PEREIRA. Casado com Maurícia Pereira da Silva. Pai de Manuel Pereira da Silva, meu tetravô, e de Francisca Gertrudes da Conceição, minha pentavó. Nada sei sobre os pais deste meu ascendente. Os filhos do Sargento-mor Pedro de Abreu Pereira, de nomes Francisca Gertrudes da Conceição, casada com Antônio

Ferreira Marques; Eugénia Gonçalves de Carvalho, casada com António Lemos de Almeida; e Manuel Pereira da Silva, casado com Francisca Maria de Jesus, foram os troncos das numerosas famílias Marques, Gonçalves e Lemos, espalhadas por todo o Município de Mombaça e que tiveram muita influência na política local, segundo informa Augusto Tavares no citado trabalho, bem como da família Almeida, da qual descende meu particular amigo deputado Renato de Almeida Braga e o dr. José Martins Rodrigues, atrás citado.

69 — MAURÍCIA PEREIRA DA SILVA. Casada com Pedro de Abreu Pereira. Mãe de meu tetravô Manuel Pereira da Silva. Filha de Pedro Barbalho e Teresa de Sousa, esta última, filha de Maria Pereira da Silva, que é considerada fundadora de Mombaça. Em 1782 António Lemos de Almeida e sua mulher (Eugénia Gonçalves de Carvalho), genro e filha de Pedro de Abreu Pereira e Maurícia Pereira da Silva, e Teresa de Sousa, esta por intermédio do Sargento-mor Pedro de Abreu Pereira, seu genro, pediram a Dom Tomás da Encarnação Costa, Bispo de Pernambuco, licença para ser edificada e benta uma capela; sob a invocação de N. S. da Glória. António Lemos de Almeida e sua mulher ofereceram, para património da capela, meia légua de terra nas ilhargas do riacho Aba-da-serra, além de 29 vacas e 1 touro. Teresa de Sousa, para o mesmo fim, doou cem braças de terra e ainda cem palmos para a edificação do templo no sítio Maria Pereira. A 14 de Junho do mesmo ano foi passada a provisão solicitada para sua edificação e bênção. A freguesia foi criada em 1832, por decreto de 6 de Setembro, desmembrada da de Quixeramobim. O município só foi criado em 1851, pela lei n. 555, de 27 de Novembro. Um século, portanto.

70 e 71 — ?

72 — ANTÓNIO FERREIRA MARQUES. Natural de Pernambuco. Não sei quais foram os seus ascendentes. Casado com Francisca Gertrudes da Conceição, filha de Pedro de Abreu Pereira e Maurícia Pereira da Silva, esta filha de Pedro Barbalho e Teresa de Sousa. Deixou os seguintes filhos: Vicente Ferreira Marques Palmeira, Raimundo Ferreira Marques (meu tetravô) e Pedro Ferreira Marques. Deste último, que se casou com Ana Joaquina de Jesus, eram filhos Francisca Gertrudes da Conceição (outra), casada com Manuel Ferreira do Nascimento; Maria Antónia de Jesus, casada com Bernardo da Silva Pereira (irmão do Capitão Honorato e pai do Pe. Pedro de Abreu Pereira); Teotónio Ferreira Marques, casado com Ana da Visitação Marques; José Lucas Evangelista, casado com Ana Josefa Mendes; e outros que se não casaram.

73 — FRANCISCA GERTRUDES DA CONCEIÇÃO. Filha de Pedro de Abreu Pereira e Maurícia Pereira da Silva, esta filha de Pedro Barbalho e Teresa de Sousa, que era, por sua vez, filha de Maria Pereira da Silva. Casada com António Ferreira Marques. Mãe de Raimundo

Ferreira Marques, meu tetravô e pai do Barão de São Leonardo e de meu trisavô Raimundo Ferreira Marques Brasil.

74-75-76-77-78-79-80-81-82-83-84-85- 86 e 87 — ?

88 — PEDRO DE ABREU PEREIRA. O mesmo do n° 68.

89 — MAURÍCIA PEREIRA DA SILVA. A mesma do n. 69.

90-91-92-93-94-95-96-97-98-99-

100-101-102-103,104-105-106-107-108-109-110-

111-112-113-114-115-116-117-118-

119-120-121-122-123-124-125-126 e 127 — ?

69 A — PEDRO BARBALHO. Casado com Teresa de Sousa. O Barão de Studart, em seu "Dicionário", vol. 3º, pág. 38, conjectura que Pedro Barbalho seria marido de Maria Pereira da Silva e pai de Tereza de Sousa. Laborou em erro, por falta de elementos á mão, e incansável pesquisador. "Do inventário, procedido em 1768, dos bens deixados pelo Sargento-mor Pedro de Abreu Pereira consta que este era genro de Pedro Barbalho e de Teresa de Sousa. Consequentemente, Maria Pereira, em vez de mulher, era sogra de Pedro Barbalho" (Augusto Tavares de Sá e Benevides, o. c., pág. 249). Pedro Barbalho e sua mulher Tereza de Sousa deixaram uma filha, Maurícia Pereira da Silva, a que já me referi nos ns. 69 e 89.

69 B — TERESA DE SOUSA. Filha de Maria Pereira da Silva, a sesmeira. Casada com Pedro Barbalho. Mãe de Tereza de Sousa "e outros filhos" (Augusto Tavares, o. c., pág. 249).

73 A — PEDRO DE ABREU PEREIRA. O mesmo já referido nos ns. 68 e 88.

73 B — MAURÍCIA PEREIRA DA SILVA. A mesma já referida nos ns. 69 e 89.

89 A — PEDRO BARBALHO. O mesmo a que já me referi no n. 69 A.

89 B — TERESA DE SOUSA. A mesma a que me referi no n. 69 B.

69 B b — MARIA PEREIRA DA SILVA. Juntamente com João de Barros Braga e Serafim Dias, Maria Pereira da Silva é considerada, de acordo com a tradição, fundadora de Mombaça. Apontam-se, ainda, sinais da passagem dos três pela região. Haja vista a denominação dos lugares decorrentes da data de sesmaria que, a 12 de Outubro de 1706, o Capitão-mor Gabriel da Silva Lage concedeu aos três ("Datas de sesmarias do Estado do Ceará", 3º vol., Tipografia Gadelha, Fortaleza, 1925, págs. 75 e 76): sítio João de Barros, fazenda Maria Pereira e sítio Serafim Dias. Houve quem suspeitasse que Maria Pereira da Silva jamais residira na terra que lhe foi doada em 1706. A suspeita não tem fundamento, segundo colhi em algumas fontes. Ela morou muitos anos na fazenda Boca-picada, depois Maria Pereira, e aí deixou descendência. Deve-se mesmo á sua hospitalidade o crescimento de sua fazenda. Com

afabilidade atraía os viajantes, que passaram a fazer do local ponto obrigatório de transito. Sua casa residencial estava situada bem perto do terreno de cem palmos que após sua morte foi cedido por sua filha Teresa de Sousa para a construção da capela de N. S. da Glória, a qual foi levantada alguns metros á esquerda da primitiva casa da velha sesmeira. A capela foi demolida há poucos anos, motivo por que, em 1939, pude conhecê-la. No mesmo local, e com idêntica posição enviezada, em relação á praça em que se achava, foi edificado novo templo, ainda não concluído. Da antiga residência de Maria Pereira da Silva existem vestígios, nos alicerces de pedra que resistiram á acção do tempo e podem ser vistos á direita da igreja. Sua fazenda, posteriormente á sua morte, adoptou seu nome, depois transmitido ao município. (Lei n. 555, de 27 Novembro de 1851), que assim se denominou até o ano de 1892, quando, pelo Decreto n. 69, de 9 de Julho, recebeu o topónimo de Benjamim Constant. O espírito nativista, felizmente ainda não de todo desaparecido, e a reacção católica a um corifeu do positivismo que pouco tinha a ver com os sertões do Ceará, não consentiram que vingasse a nova e injustificável denominação. Pela Lei n. 1.565, de 21 de Setembro de 1918, o município voltou a chamar-se Maria Pereira. Em 1943, porém, o Decreto n. 1.114, de 30 de Dezembro, elaborado por uma comissão de que era presidente o Dr. Pompeu Sobrinho e na qual funcionei como secretário, revigorou o nome de Mombaça, topónimo antigo atribuído á então povoação, antes de chamar-se oficialmente Maria Pereira. Os outros companheiros que requereram datas conjuntamente com os três fundadores do lugar foram José Rodrigues de Carvalho, José do Vale Abreu, que deixou descendência misturada á de Maria Pereira da Silva, como já vimos, e António Pereira Façanha.

73 B a — PEDRO BARBALHO. O mesmo dos ns. 69 A e 89 A.

73 B b — TERESA DE SOUSA. A mesma dos ns. 69 B e 89 B.

89 B b — MARIA PEREIRA DA SIVA. A mesma do n. 69 B b.

73 B b 2 — MARIA PEREIRA DA SILVA. A mesma dos ns. 69 B b e 89 B b.

---

*"Feci quod potui, faciant meliora potentes."*